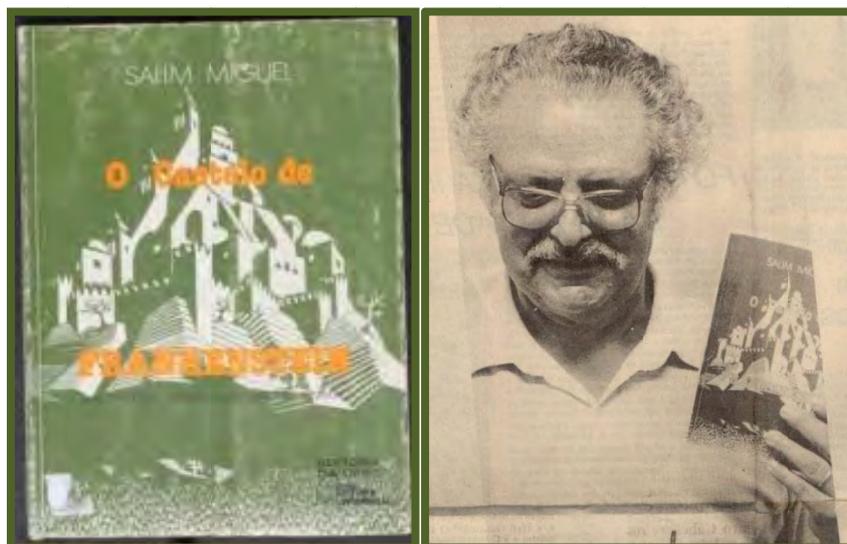


**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas**  
**Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



## **Notícias relacionadas ao Livro:**

### **O Castelo de Frankenstein**

Organização e digitalização:

Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai Jordanou, Jonathan Rodrigues

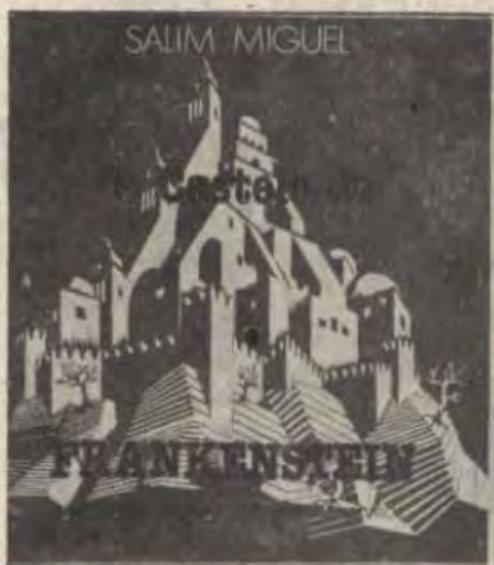
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Número	Referências
001	ENGRÁCIO, Arthur. O Castelo de FrankenStein. <b>Amazonas</b> . Recorte de jornal sem local sem data.
002	FELDMANN, Carlos Alberto. Livro. Arte p. 2. Recorte de jornal sem local sem data.
003	O CASTELO de FrankenStein. Recorte de jornal sem local sem data.
004	SILVA, Deonísio da. Novos. <b>Verne</b> . p. 30. Recorte de jornal sem local sem data.
005	SOARES, Iaponan. Um castelo de bons fantasmas. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 7 jul., de 1986. Opinião
006	MENEZES, Holdemar. Mudança de propósito. <b>O Estado</b> . Florianópolis, 10 jul., de 1986. p. 18
007	PÓLVORA, Hélio. A boa crítica. <b>Cacau</b> . Itabuna, ago./set. de 1986.
008	SALIM Miguel lança livro na Bienal. <b>Correio Braziliense</b> . Brasília, 04 ago. de 1986. p. 23
009	BONDACZUK. Pedro J. Um passeio pelos aposentos do "Castelo de Frankenstein". <b>Correio Popular</b> . Campinas, 19 set. de 1986. p. 28
010	AQUINO, Flávio. Outro magnífico Miguel. <b>Manchete</b> . Rio de Janeiro, n. 1804, nov. de 1986.
011	SALIM Miguel rompe fronteiras com "O Castelo de Frankenstein". <b>O Estado</b> . Florianópolis, 23 nov. de 1986. Caderno de domingo, p. 1
012	FISCHER, Almeida. A crítica de livros. O Estado de São Paulo. São Paulo 06 jun. , de 1987. p. 11, n. 362, ano 7
013	CAMPOZINI FILHO. Um castelo. <b>Folha do Povo</b> . Minas Gerais, 13 jun. de 1987.
014	LANDIM, Teoberto Salim Miguel: O Castelo de Frankenstein. <b>A Notícia</b> . Joinville, 19 ago. de 1990. p. 5
015	MACEDO, Dimas Crítica e recensão. <b>A Notícia</b> . Joinville, 19 ago. de 1990. Anexo, p. 5
016	MIGUEL lança 2º volume de O Castelo de Frankenstein. <b>A Notícia</b> . Joinville 18 set. de 1990. p. 17
017	MENEZES, Carlos. Literatura. <b>O Globo</b> . Rio de Janeiro, 25 set. de 1990.
018	ASSIS, Valesca de. Os bons contos de oficina. <b>A Notícia</b> . São Luiz de Gonzaga, 20 e 21 out. de 1990.
019	CAPISTRANO, Odemir. Um reencontro com Cruz e Souza. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 21 out. de 1990. Mural, p. 2
020	SANTANA, Valdomiro. Uma reflexão sobre o ato de viver e o de escrever. <b>A Tarde</b> . Salvador, 21 out. de 1990.
021	CASTELO de Salim Miguel. <b>Jornal Universitário</b> . Florianópolis, 12 nov. de 1990. p. 1
022	O CASTELO de FrankenStein. <i>Diário de Sorocaba</i> . Sorocaba, 18 nov. de 1990.
023	DALCASTAGNE, Regina. A viagem modernista contra o maramo cultural. <b>Correio Braziliense</b> . Brasília, 19 nov. de 1990. Caderno 2, p. 6
024	GIGLIOTTI, Adir. Livros Novos. <b>O Comércio</b> . Amparo, 02 dez. de 1990.
025	ZONER, Cecília. Literatura do Continente: Hispan-América n'o castelo de Frankenstein. <b>O Estado de Paraná</b> . Curitiba 16 dez. de 1990. p. 28

026	ATHANÁSIO, Enéias. Autores Catarinenses. <b>Blumenau em Caderno</b> . Blumenau, jun. de 1990. p. 180
027	O CASTELO de FrankenStein. <b>Pau Brasil</b> : Publicação Bimestral sobre Ecologia e Cultura. São Paulo, n. 13, ano 3 jul./ago de 1986, p. 99fischer

001 - ENGRÁCIO, Arthur. O Castelo de FrankenStein. Amazonas. Recorte de jornal sem local sem data.

• **O Castelo de Frankenstein**, de Salim Miguel, Editora da UFSC/Co-Edição Editora Lunardelli, Florianópolis, 212 páginas. O autor, contista consagrado, reúne neste livro parte de sua colaboração crítica da última fase (1976/85), publicada em jornais do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Contrariamente ao que diz o subtítulo da obra, os trabalhos nela inseridos, são mais que simples anotações sobre livros e autores. Penetram a área da crítica, revelando equilibrado senso de julgamento de SM, que fala dos escritores enfocados e suas obras, com perfeito conhecimento de causa.



**LIVRO** - Os elogios da crítica e a boa aceitação do público, levaram a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, a publicar o segundo volume de "O Castelo de Frankenstein", do escritor Salim Miguel. Como fez o cientista que criou o monstro Salim constrói seu castelo literário com fragmentos: críticas, resenhas e prefácios de sua autoria publicados em diversos veículos do País. Só que nesta edição não se limita ao período de dez anos (1976/1985). Além de fazer um recuo a 1949, avança até 1989 e inclui entrevistas, perfis, palestra, depoimentos de intelectuais representativos de Santa Catarina, Brasil, América Latina. A porta do Castelo se abre com um panorama do ambiente do Grupo Sul, vivido pelo próprio Salim e se fecha com uma palestra sobre cinema e mitologia. Adonias Filho, escritor e jornalista carioca e o nosso Beto Stodieck, mortos no "pressago" mês de agosto passado, são referenciados na apresentação da obra.

\*003 - O CASTELO de FrankenStein. Recorte de jornal sem local sem data.

■ O castelo de Frankenstein, Salim Miguel. UFSC, 212 p., Cr\$ 650,00. Coletânea de ensaios sobre literatura contemporânea do Brasil, da América Hispânica e da Europa. Segundo volume de uma série em que são focalizadas obras de

autores como Garcia Márquez, Cabrera Infante, Juan B. Pardo, Italo Svevo, Umberto Eco, Alexander Lenard e Saul Bellow.



# Um castelo de bons fantasmas

*Iaponan Soares*

## Do Conselho Estadual de Cultura

O texto de crítica literária tem se mostrado, nos últimos anos, um exercício de digestão problemática para o leitor comum. A necessidade de mostrar suficiência no emprego de novos métodos de abordagem, não raras vezes tem feito desses textos um terreno árido onde o leitor foge, quase sempre, ao primeiro tropeço da caminhada. A crítica acadêmica, salvo algumas excessões, padece pela falta de simplicidade e nisso esquece sua função básica e primordial: aproximar o leitor da obra de criação. Tem razão Jorge Luís Borges quando observa ser a literatura uma forma de alegria. Nesse sentido, o autor de "O Elogio da Sombra", chega a

---

*O novo livro de Salim Miguel é um bom exemplo de crítica literária, que tem rigor e fascínio de leitura*

---

ser taxativo, quando afirma que "se lermos algo com dificuldade a autor fracassou".

Não faz muito, afirmava-me um amigo em tom dogmático que não era mais possível a existência da crítica fora dos padrões acadêmicos. Discordei de sua opinião e apontei, como exemplo, algumas obras que, embora realizadas com rigor, não deixava de oferecer uma leitura agradável e criativa.

O novo livro de Salim Mi-

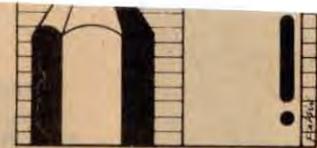
guel decidiu reunir em livros uma pequena parcela dispersa desse seu outro aspecto do fazer literário.

Os textos de "O Castelo de Frankenstein" dão conta da atividade do crítico Salim Miguel que, como homem de sensibilidade e de inteligência, sabe ser um observador privilegiado do fenômeno criativo, sempre capaz de vislumbrar num texto estudado ângulo novo que possa interessar aos leitores.

Abordando basicamente obras de ficção, o livro reúne estudos sobre autores catarinenses e de outros estados, bem como autores hispano-americanos e de nacionalidades diversas. O resultado é o melhor possível e espero, com expectativa, que a promessa do autor logo se cumpra: A publicação do segundo volume "deste estranho Castelo" de bons fantasmas.

guel, "O Castelo de Frankenstein", que reúne "anotações sobre autores e livros", é um bom exemplo de crítica literária, que tem rigor e fascínio de leitura, muito embora sem pagar tributos aos chamados "padrões acadêmicos". Ficcionalista dos mais importantes da moderna literatura brasileira - o seu romance "O Cordão Umbilical" é obra definida -, Salim Miguel é, igualmente, um crítico de reconhecida projeção. Entretanto, só agora é que

# Mudança de propósito



**F**AZ muitos anos que escrevi, para este mesmo espaço, uma crônica sobre o desgaste do ser humano. Isso foi no tempo em que o Sérgio da Costa Ramos era o editor do *Caderno*. Foi logo após a Revolução de 64.

Um parêntese: vejam que eu nunca chamo a Revolução de 64 de golpe militar. Não cheguei ainda a este índice de insanidade. Minhas barbas estão sempre de molho. Há muita gente pensando que a democracia vigente, a do cruzado, é realmente sólida.

Na crônica, eu dizia: "O tempo corrói a pedra e o metal. Mas cria, modela, nos dois elementos, de quando em vez, belas figuras. No ser humano, não. O tempo derretoria, estraga, até mesmo inutiliza."

E citava Cecília Meireles: "Eu não tinha este rosto de hoje/ assim calmo, assim triste, assim magro/ nem estes olhos vazios/ nem o lábio amargo/ Eu não tinha estas mãos sem força/ tão paradas e frias e mortas/ Eu não tinha este coração que nem se mostra/ Eu não dei por esta mudança/ tão simples, tão certa, tão fácil/ Em que espelho ficou perdida a minha face?"

Quando, no sábado, eu ia para a Lagoa nem estava pensando em golpe militar, nem em face corroída pelo tempo. Mas, na Beira-Mar Norte, eu vi tanta correndo, pulando, andando,

se arrastando, que mudei de propósito.

O meu propósito, na verdade, era um só: ler "O Castelo de Frankenstein", de Salim Miguel. O livro de "críticas, resenhas, depoimentos, prefácios e orelhas", segundo o próprio Autor. Um livro muito importante, digo eu.

Pretendia até fazer uma resenha sobre ele. Mas cadê talento? A crítica é uma atividade muito difícil. São poucos os eleitos para este mister. Salim Miguel é um deles.

Mas posso dizer que "O Castelo de Frankenstein", editado pela Editora da UFSC, em co-edição com a Lunardelli deve ser de leitura obrigatória.

Em termos nacionais, há comentários sobre Autran Dourado, Braga Montenegro, Dalcídio Jurandir, Erico Veríssimo, Jorge Amado, José J. Veiga, Hélio Pólvora, Inácio de Loyola Brandão, Moreira Campos e outros.

No plano da Hispano-América, Salim Miguel fala de Carlos Fuentes, José Donoso, Cabrera Infante, Juan Rulfo, Júlio Cortázar, Manuel Puig, Vargas Llosa, Ernesto Sábato, García Marquez e mais alguns.

Numa visão universal, sempre com erudição e propriedade, o Autor aborda aspectos de Italo Svevo, Um-

berto Eco, Gogol, Alexander Lenard e Saul Bellow.

A importância de Salim Miguel é tão marcante na literatura catarinense que "O Castelo de Frankenstein" deveria ser recebido com palmas e foguetões. Como um presente que não merecemos.

Porém, no percurso da Feliciano Nunes Pires para a Lagoa, eu vi tanta gente preocupada com o corpo que quase abandonei a intenção de falar sobre o livro de Salim Miguel.

Parei o carro para ver aquele pessoal todo se movimentando. Alguns se arrastando penosamente. Ali estavam, certamente, os safenados e os não-safenados. Os que desejavam perder peso e os que pensavam em musculação simplesmente.

Ali estavam os obesos e os magros. Os velhos e os moços. Ali estavam os varicosos e os não-varicosos. Os de peitos empinados e os de mamas nurchas, tristes, desconsoladas. Ali estavam homens e mulheres em busca de algo mais do que a face perdida.

Ali estavam os exibicionistas e os narcisistas. Os são e os neuróticos. Os macro e os microbióticos. Os santos e os demônios. Os heteros e os homossexuais. Os traídos e os traidores. Os amados e os desamados.

Na verdade, são ou doentes, o que todos buscam é o encontro com o soro

da eterna juventude. Ledo engano! O tempo corrói a pedra e o metal. O tempo deteriora, estraga, até mesmo inutiliza. Todos eles, pensei, estavam correndo atrás de um tempo que não volta mais.

Ou de um substituto do soro do Dr. Alexander Bogomolets, tão em evidência nos anos 50. Poucos se recordam que o famoso cientista russo emocionou o mundo com o promissor soro citotóxico antirreticular, que se propunha acabar com a velhice.

O Dr. Bogomolets defendia que um ser humano de 70 anos é ainda jovem! Somente viveu a metade de sua vida natural. Isso se se propuser a lutar contra a velhice, pois esta é apenas uma enfermidade evitável.

Para os que correm na Beira-Mar Norte, mesmo que não se interessem pelo novo livro de Salim Miguel, uma revelação otimista. O Dr. Bogomolets afirma que, cientificamente, o homem deveria viver entre 125 a 150 anos. Salve, Salve!

Com tanto tempo assim pela frente, não adianta correr. Melhor mesmo é ir caminhando, especialmente aqueles sem boas condições físicas. Até sobraria tempo para uma olhada no espelho da realidade.

## A Boa Crítica

Salim Miguel - *O Castelo de Frankenstein, anotações sobre autores e livros*. Editora da UFSC/Lunardelli, Florianópolis, 1986, 212 p.

A boa crítica depende a meu ver de quatro pré-requisitos: bom gosto, experiência literária, empatia com o texto e honestidade intelectual. Salim Miguel, escritor veterano mas que, ao lado de muitos companheiros de luta literária, merece melhor divulgação e reconhecimento, possui aquelas qualidades de sobra. Por isso, nas suas aproximações, toca ou roça quase sempre a fímbria misteriosa onde a criação costuma agasalhar-se.

A exemplo do grande Fausto Cunha, o catarinense Salim é um **lanhador de livros**, desde os tempos em que editava em Florianópolis a revista **SUL** de presença marcante na intelectualidade de sua terra e que revelou, entre outros, ficcionistas de calibre, como Guido Wilmar Sassi e Adolfo Boos Jr. Salim sabe que, como crítico, é preciso abrir a alma, soltar a emoção. Nisso sua crítica não será um exercício estatístico, mas a tentativa instigante (parodiando H. E. Bates) de dissecar o pássaro para descobrir ou pressentir o mistério de seu voo - porém sem matar o pássaro.

Em *O Castelo de Frankenstein* o crítico reúne alguns textos assinados em jornais e revistas importantes do país. O título é um achado. A boa crítica, como ficou subentendido aí atrás, é também um ato de criação e se alimenta de fluidos e investigações assustadores. Talvez o título tenha raízes no *Axel's Castle*, do saudoso Edmund Wilson, que praticou a crítica de ficção com a mesma desenvoltura de feiticeiro diplomado. Estou a me lembrar de algumas novelas eróticas dele.

Palavras de advertência, ditas por Salim à guisa de prefácio, nos desvendam logo o seu projeto estético: chegar ao núcleo estratégico da obra guiado por uma sensibilidade apurada. Ele ressalta seu empenho em "assinalar o impacto que em minha sensibilidade deixará uma leitura ou marca de determinada personalidade." E depois de acentuar que até hoje não parou, "e enquanto viver não pararei", confessa que procurou, nos livros em exame, "desvelar a intuição última da proposta inscrita e dela extrair minha leitura (...)".

Mesmo na crítica de livros indicados pelo editor do jornal ou da revista onde saíram, e que são poucas neste volume, Salim Miguel firma-se no princípio de que, para criticar, é preciso ler e meditar - truísmo que as resenhas literárias de hoje em dia ignoram. E, quando se propõe ler, é o leitor sem preconceitos, sem posicionamentos apriorísticos. É aquele leitor sem rosto, coautor e cúmplice que todo escritor desejaria ter.

Por este motivo as críticas de *O Castelo de Frankenstein* passam a fazer parte da melhor crítica brasileira contemporânea. Textos sobre Adolfo Boos Jr., Guido Wilmar Sassi, Holdemar Menezes, Ricardo L. Hoffmann e Silveira de Souza, catarinenses, e sobre Jorge Amado, Érico Veríssimo, Braga Montenegro, Autran Dourado, Dalcídio Jurandir, Marques Rebelo, Miguel Jorge, Moreira Campos, O. G. Rego de Carvalho, Renard Perez, etc. contribuirão decisivamente para situar seus autores no movimento literário atual. O crítico é bem informado: além da obra, discorre sobre a circunstância (histórico-geográfica) da obra, tendo também o cuidado de identificá-la espacialmente na bibliografia de cada autor.



As mesmas preocupações guiam os passos do crítico ao se aventurar pelo território de escritores hispano-americanos. Carl Fuentes, Ernesto Sábato, Ciro Alegria, Gabriel García Márquez, o admirável Juan Rulfo, o extraordinário contista argentino Júlio Cortázar, o eterno clássico que será Ricardo Güiraldes - todos estes autores crescem para nós e nos dizem mais coisas graças ao jeito de ver e à maneira de dizer do crítico Salim Miguel.

HÉLIO PÓLVORA

O escritor Salim Miguel, diretor-executivo da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, está em Brasília participando de reuniões no Ministério da Educação e trocando experiências com a Editora da Universidade de Brasília. Dos contatos com a EdUnB deverão brotar coedições e participação num informativo sobre o movimento editorial da UnB e em outras editoras universitárias. O número zero do jornal será lançado na Bienal do Livro, em São Paulo, que acontece de 21 a 31 de agosto.

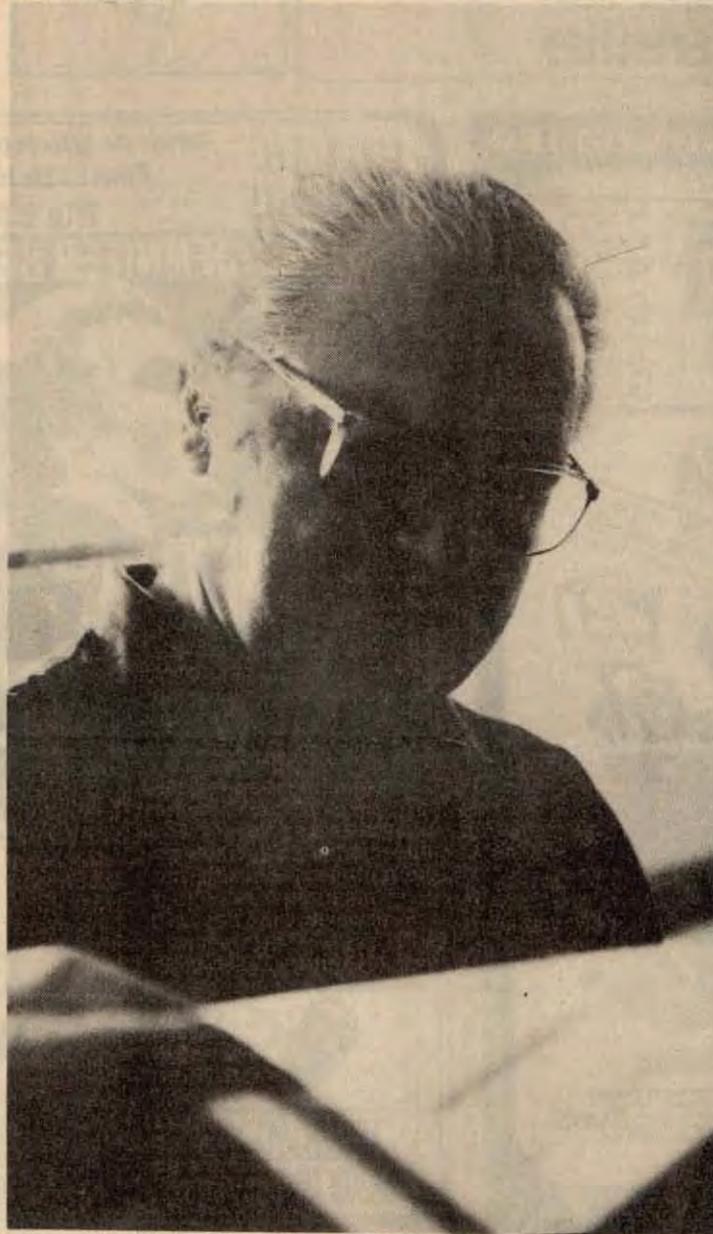
A Editora da Universidade de Santa Catarina participará da Bienal, em dois stands: um reservado pelo MEC para todas as editoras universitárias e outro, da Fundação Catarinense de Cultura. No correr da Bienal, serão lançados seis livros novos da editora universitária catarinense. Um deles, é do próprio Salim Miguel: *O Castelo de Frankstein*, que traz anotações sobre livros e autores; outro, o primeiro livro publicado sobre a obra de Manuel Bandeira, no ano de seu centenário (*O Colóquio na Poética de Bandeira*, de Helena Régis) e um terceiro sobre *A Informática no Brasil — A Opção Política é Nossa*, de Lúcia Salgueiro dos Santos.

Salim Miguel, 62 anos, antes de editar *O Castelo de Frankstein*, sua primeira incursão na área da crítica literária, publicou sete livros de ficção: *A Velhice e Outros Contos* (51); *Alguma Gente* (53); *Rede* (55); *O Primeiro Gosto* (73); *A Morte do Tenente e Outras Mortes* (79); *A Voz Submersa* (84); *Dez Contos Escolhidos* (85). Nos anos 60, o escritor dedicou-se ao cinema, onde atuou como argumentista e roteirista de vários filmes.

*O Castelo de Frankstein* reúne parte do trabalho (crítica literária, resenhas, depoimentos) publicados ao longo dos dez últimos anos, em órgãos da imprensa carioca, paulista, gaúcha e catarinense. O autor, conhecido como contista e romancista, justifica a edição de um livro de crítica, lembrando que "desde muito cedo, criança, ainda, em Biguaçu — Santa Catarina, ao mesmo tempo em que dava início à minha ficção, imaginando-a e recontando-a primeiro oralmente e, depois, em rascunhos que circulavam de mão em mão, ia intentando uma reflexão crítica sobre o ato de viver e o ato de escrever".

# Salim Miguel lança livro na Bienal

JORGE CARDOSO



O escritor Salim Miguel faz sua primeira incursão pela crítica

O livro divide-se em quatro partes: literatura produzida em Santa Catarina, Literatura Brasileira, Literatura Hispano-Americana, Outros Temas e Literaturas. Com *O Castelo de Frankstein*, Salim Miguel quis "resgatar textos que dão minha visão sobre o processo de criação literária, em especial de vultos da literatura latino-americana, muitos citados, mas pouco conhecidos. Por vezes são trabalhos mais longos, em outros, simples manchas fixando aspectos que mais feriram minha sensibilidade".

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina está completando cinco anos e já publicou mais de 150 títulos. No próximo ano, espera chegar aos 200 títulos. Salim faz questão de lembrar que "a EUFSC é uma editora alternativa, que publica títulos importantes mas de retorno comercial lento e que não se esquece do autor novo". As 150 publicações da editora universitária catarinense dividem-se em três séries: a didática, que publica livros-textos para alunos; a série geral, que edita as obras aprovadas pelo Conselho Editorial, inclusive criação literária; a série de publicações periódicas (revistas nas áreas de Geografia, Educação, Letras, Ciências Sociais; Ciências Humanas, Saúde e Educação).

Entre os títulos publicados, Salim Miguel lembra que "muitos estão esgotados — cerca de um terço do total — e vários já seguem para segunda edição".

— Vêm tendo boa aceitação livros como *A Guerra do Contestado — Organização da Irmandade Cabocla*, de Marli Auras; e *Carvão — A Pirita Humana: os Mineiros de Criciúma*, de Teresinha Gasho Volpato, onde a autora mostra que os trabalhadores nas minas de carvão, aos 30 e poucos anos, são verdadeiros "piratas", ou seja, similares dos resíduos do material que exploram. Entre os livros mais procurados estão *Últimos Sonetos — Primeira Edição Crítica de Cruz e Souza*; *Este Mar Catarina*, antologia de contos sobre o mar, *Ilha de Santa Catarina — Relatos de Viajantes Estrangeiros e Iniciação ao Vinho*, de Orlando Borges Schroeder.

Em outubro próximo, lembra Salim, o MEC promoverá uma reunião de editoras universitárias, para analisar o desempenho do setor. Em maio do ano que vem, Brasília sedia a reunião anual das Editoras Universitárias. Neste encontro, será formalizada a estrutura jurídica da Associação das Editoras Universitárias.



O jornalista catarinense Salim Miguel acaba de lançar o seu oitavo livro, que leva o sugestivo título de "O Castelo de Frankenstein", o segundo através da Editora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Este nome pode sugerir que se trate de alguma obra de ficção, de alguma coletânea de contos ou de alguma reunião desses poemas estranhos (e por isso extremamente originais) que andam circulando por aí. Mas não é nada disso. Trata-se de uma coleção de trabalhos de crítica literária, abordando escritores do seu Estado, do Brasil, das Américas de língua hispânica e do mundo, publicados num período de dez anos, na Imprensa de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e de sua terra natal.

Salim Miguel é dotado daquela linguagem fluente e ágil, típica do bom jornalista, que acima de qualquer preciosismo semântico ou de tentativas pedantes de mostrar cultura e erudição para os leitores, dá o seu recado com simplicidade, satisfazendo o principal objetivo da comunicação, que é, obviamente, o de "comunicar", de se fazer entendido por todos. Dessa maneira, analisa algumas obras desconhecidas para nós, paulistas, de gente (muito boa, por sinal) de Santa Catarina. E outras, consideradas imortais na literatura universal, como os contos de Gogol, os romances de Jorge Amado e os de Gabriel Garcia Marquez, flagrando nuances diferentes, que a maioria dos críticos profissionais não vislumbra e decodificando aquilo que os outros escondem através de um inútil e desnecessário tecnicismo.

Ultimamente tem sido muito difícil o leitor poder ler a análise de algum livro, qualquer que seja, no seu jornal predileto. O relacionamento da Imprensa com os escritores e com as editoras caracteriza-se, hoje em dia, por mútua indiferença. É raro, por exemplo, o grande nome da literatura brasileira que tenha a sua coluna diária em algum órgão de expressiva circulação no País. Já vão longe os tempos em que Guilherme de Almeida, com o seu "Eco ao Longo dos meus Passos", Luis Martins, com "Crônicas" e Sérgio Milliet, todos no "O Estado de São Paulo", "conversavam" com

a gente, a cada edição, a respeito de letras, da vida e dos magistrais artifices desse mundo fascinante da cultura e da análise do comportamento humano. Quando algum jornal fala de livro, geralmente não gasta mais do que dois parágrafos e para isso se limita a dar breves referências, que não motivam ninguém a adquirir a obra.

Parte da culpa cabe, certamente, aos próprios escritores e editoras, que muitas vezes olham do alto, até com um certo desdém, o jornalista. Geralmente as últimas enviadas para o editor de Cultura um breve "releasing" para publicação, suscito demais para ser entendido e que não permite que se trabalhe em cima. Os autores, por seu turno, parecem evitar a Imprensa, temendo perguntas inoportunas (eles pelo menos parecem entender que sejam assim), que possam deslustrar a sua imagem perante a opinião pública. Com isso, a literatura, nos órgãos de circulação diária, fica restrita a suplementos literários dominicais, (para aqueles que os possuem) ambos perdendo, escritor e editora, uma ótima oportunidade, neste momento raro da vida nacional, de uma ampla comunicação, no instante em que o brasileiro desperta para este mundo extraordinário, que é o livro.

As análises de Salim Miguel, publicadas em revistas e jornais de circulação nacional, como "Manchete" e "Jornal do Brasil", mostram que o jornalista é o parceiro ideal para que o homem de letras, que realmente tenha talento, dê o seu recado. Até por força da própria profissão, ele está habituado a ir sempre ao âmago do tema abordado, que acaba tratado como uma notícia. Isto é, com a nobreza que todo o fato, quer seja agradável quer seja daqueles que apoquentam, mas que não podem ficar escondidos, merece. Isso já não acontece com os críticos literários sem formação jornalística, que costumam se perder em meandros de excessivo academicismo, se fazendo entendidos somente por uma meia dúzia de especialistas na matéria. Eles são, na verdade, o que nós chamamos, em jargão de jornal, de "espanta-leitores".

Mas Salim Miguel, embora tenha feito a sua brilhante carreira nas redações de jornais e de revistas, não está despedido completamente de um sadio clima acadêmico, posto que bem dosado, que é indispensável ao intelectual, desde que não levado a exageros. Tanto é que desde 1980, "emprestado" pela Empresa Brasileira de Notícias, onde realizou um brilhante serviço por vários anos, assumiu a direção de um empreendimento arrojado, e por isso, de grande risco. A da condução da Editora da UFSC, que desde a sua implantação, em 1979, já lançou 150 títulos, dando espaço e oportunidade a muito talento jovem, que permanecia escondido por falta de visão do mercado editorial. Atualmente ele percorre os "campi" universitários do País com um objetivo ainda mais corajoso. O de criar uma Associação Brasileira de Editores Acadêmicos, que coordene as publicações de obras nascidas no próprio âmbito acadêmico e as divulgue por todo o Brasil, fazendo com que elas se tornem viáveis também do ponto de vista comercial.

Pedro J. Bonaczuk

Antes de qualquer consideração acerca do livro "O Castelo de Frankenstein", é indispensável que se faça a apresentação do seu autor para o público campineiro, já que ele não tem sido muito divulgado por aqui. Salim Miguel, filho de libaneses, nasceu em 1924 na pequena cidade catarinense de Biguaçu, uma localidade do interior desse Estado, com 328 quilômetros quadrados e pouco mais de 25 mil habitantes. Foi criado no interior, numa região de forte influência açoriana e alemã, desenvolvendo daí seu espírito de disciplina e amor ao trabalho. Aos 19 anos, mudou-se com a família para Florianópolis e aos 23, juntou-se a outros jovens na criação de um movimento, que alterou o panorama cultural catarinense, que estava como que adormecido desde os remotos tempos de seu poeta maior, João Cruz e Sousa, o mais refinado e expressivo simbolista que o País já teve. Foi o Grupo Sul, que durou dez anos e projetou muita gente de valor no cenário nacional.

Foi nesse período que Salim Miguel lançou o seu primeiro livro, em 1951, pela Editora Sul. E começou sua trajetória justamente pelo gênero mais difícil, por exigir grande capacidade de síntese (que ele viria a usar futuramente como jornalista), ou seja, o conto. O nome dessa obra foi "Velhice e Outros Contos", seguida dois anos após de "Alguma Gente", que ele classificou como sendo de histórias e sucedida, em 1955, por uma terceira, desta vez um romance, "Rede". Todos esses títulos saíram pela Editora Sul, de Florianópolis.

Foi também nesta época que Salim Miguel começou a publicar textos de ficção na Imprensa de Santa Catarina, como nos jornais "O Estado", "Diário da Manhã", "Folha da Juventude", "A Gazeta" e "Diário da Tarde" e em revistas, como "Cícuta" e "Revista do Sul". Em pouco tempo, foi descoberto pelos órgãos de Imprensa do resto do Brasil, inserindo alguns textos longos e outros curtos em diversas publicações. O motivo desses convites, que não pararam mais de acontecer, foi o "faro" que o jovem escritor, jornalista por vocação, tinha para descobrir determinados detalhes em obras ultraconhecidas de escritores consagrados, que tinham escapado a outros intelectuais que as haviam analisado. Como as críticas que fez a livros de Cruz e Sousa, Lima Barreto, Marques Rebelo, Eça de Queiroz, Graciliano Ramos e Mário de Andrade.

Não demorou muito para que ficasse evidente que Santa Catarina, posto que com uma vida cultural já então bastante intensa, tinha ficado pequena demais para o talento de Salim Miguel. E a partir de 1965, ele foi parar no Rio de Janeiro, já então ligado à Empresa Brasileira de Notícias.

O livro "O Castelo de Frankenstein" data desse período de grande fertilidade, que durou até 1979, quando recebeu o convite da Universidade Federal de Santa Catarina para dirigir a sua editora universitária, na ocasião pouca coisa mais do que um mero projeto. Centralizando suas atividades na antiga Capital Federal, o intelectual biguaçuense não esqueceu o Sul. Ao mesmo tempo em que publicou críticas literárias nas revistas "Manchete" e "Ficção" (esta última ele ajudou a criar), colaborou intensamente com "O Estado", de Florianópolis, com a revista "Pau Brasil", de São Paulo e com o "Correio do Povo", de Porto Alegre, além do "Jornal do Brasil", do Rio de Janeiro. Foi então que passou a atuar como roteirista de cinema, fazendo a adaptação de "A Cartomante", conto de Machado de Assis, em colaboração com Marcos Farias e Eglê Malheiros e "Fogo Morto", romance de José Lins do Rego, contando também com a ajuda da mesma dupla. Seus trabalhos, especialmente contos, mostrando como vivem os inferiores catarinenses da região de influência germânica, foram publicados em nove antologias. Uma delas foi a "Die Admiralsnacht", editada na Alemanha Ocidental, em Berlim, no ano de 1972, pela Aufbau-Verlag.

## Nome adotado por tratar-se de coletânea de artigos

O leitor a esta altura deve estar perguntando sobre a razão do jornalista Salim Miguel ter dado o título de "O Castelo de Frankenstein" ao seu último livro. Afinal, a obra não é nenhuma reunião de contos fantásticos (ou fantasmagóricos), não se trata de romance e nem envolve o famoso personagem do cinema protagonizado por Boris Karloff. O escritor esclarece, no entanto, o motivo, dando um

# Um passeio pelos aposentos do "Castelo de Frankenstein"



Editora da Universidade de Uberlândia já lançou 15 títulos próprios

então lógico àquilo que à primeira vista parece despedido de bom senso. Argumenta que tal como o monstro famoso, criado pelo dr. Frankenstein, foi elaborado com retalhos de cadáveres, o mesmo ocorreu com seu livro. Ele foi composto com um artigo aqui, outro ali, todos aparentando, à primeira vista, uma ausência completa de nexo comum.

O próprio Salim explica, no prefácio da obra: "O título devo-o a um velho amigo e colega de profissão: o escritor Guido Wilmar Sassi. Em uma de suas inigualáveis cartas, ou em um de nossos intermináveis e surrealistas papos, ele me falou do título (nem sei por quê ou para quê), talvez lembrando o Castelo de Alex, de Edmond Wilson. Immediatamente, e sem qualquer cerimônia, dele me aposses. Depois, reconsiderei, recuei. Não por escrúpulo pelo rápido furto, ou pela semelhança com o título do livro do ensaísta norte-americano. Meu problema era outro: como justificar o título insolito. Foi ainda Guido quem me deu a deixa: Fácil. São matérias variadas as tuas; aparentemente desencontradas. A meu ver desconexas só na aparência. Na verdade saídas de um mesmo cérebro e com uma mesma preocupação. Quanto à diversidade de enfoque é lógica e se justifica por si mesma; e na proposta há uma unidade intrínseca e uma idêntica busca. Concordei. Não há muito convicção. Eu queria era um pequeno empurrão. Ei-lo, me disse. Cabe agora ao leitor penetrar nos meandros do Castelo — e aceitá-lo ou recusá-lo".

É claro que essa "edificação" está sendo aceita por aqueles a quem se destina. Seus "aposentos" reservam surpresas agradáveis para os que se dispõem a percorrer cada milímetro seu, com o espírito aberto observador de um cientista. O livro está dividido em quatro partes. Na primeira, Salim Miguel traça um panorama das letras de Santa Catarina, destacando nomes de grande projeção no Estado e que começam a extrapolar os limites catarinenses, como Adolfo Boos Jr., Emanuel Medeiros Vieira, Guido Wilmar Sassi, Holdemar Mezzes, Ricardo L. Hoffmann e Silveira de Souza.

No "quarto" seguinte do castelo vamos encontrar reunida parte da nova geração literária, misturada com autênticos monstros sagrados nacionais. Misturam-se, numa promiscuidade que não chega a escandalizar, pelo bom gosto da seleção, escritores como Janete Gaspar Machado, Josué Montello, Antonio Hohfeld, Jorge Amado, Braga Montenegro, Autran Dourado, Dalcídio Jurandir, Erico Veríssimo, Moreira Campos, Ignácio de Loyola Brandão e Gilson Rebelo.

Prosseguindo nessa ronda, iremos topor com o terceiro "apartamento", albergando latino-americanos céle-

bres, como Juan Rulfo, Gabriel Garcia Marquez, Mário Vargas Llosa, Júlio Cortázar, Manuel Puig e Jorge Icaza, na companhia de nomes não tão divulgados, mas extremamente importantes em seus países, tais como Angel Rama, Carlos Fuentes, Ciro Alegria, Eduardo Guidino Kiefer, e Cabrera Infante. Finalmente, no quarto e último compartimento desse "Castelo de Frankenstein", iremos nos deparar com cinco "feras" que estimularam a sensibilidade de Salim Miguel: Italo Svevo, Umberto Eco, Gogol, Alexander Lenard e Saul Bellow.

Este livro poderá ser adquirido na livraria da Unicamp, através do "Programa Interuniversitário para Distribuição do Livro", que atualmente envolve 46 universidades brasileiras, entre elas a Federal de Uberlândia, onde Salim Miguel atuou recentemente passando a experiência que adquiriu na Editora UFSC à sua congênera mineira, que já lançou 20 títulos próprios, além de seis revistas. Vale à pena realizar um passeio pelos aposentos desse "Castelo de Frankenstein", principalmente para poder tomar contato com a excelente literatura que atualmente se faz no Sul do País.

## Objetividade característica dos faiscadores de informação

O que chama a atenção na crítica de Salim Miguel é a objetividade com que define a obra que tem sob o seu "microscópio", numa análise, diríamos, até científica de tudo o que mereça ser detectado. Vamos dar um passeio pelo primeiro aposento do seu "Castelo de Frankenstein",

mas sem qualquer receio de topor com o monstro que se lhe apresenta o nome. É claro que a limitação de espaço nos impede de mostrar muita coisa do seu estilo objetivo de abordar os pontos fortes e fracos dos autores aos quais critica. Pinçamos algumas anotações esparsas, com o objetivo, sobretudo, de mostrar nuances estilísticas de alguns promissores homens de letras catarinenses. Analisando o livro "As Famílias" de Adolfo Boos Jr., Salim Miguel apresenta primeiro o escritor e nos mostra o quanto ele é metucioso com o que escreve: "Depois do livro, e da boa receptividade, uma parada brusca e inesperada. Boos sumira do território das letras. Nada mais publicado. Certamente devia continuar lendo muito, estudando, vivendo, aprofundando-se na teoria do fato literário e na análise do bicho homem; mais certamente ainda continuava escrevendo (pois o vírus se infiltrava nele - e é impossível uma pessoa livrar-se da maldição de escrever). Mas a ninguém mostrava os seus originais. Muito menos aceitava discutir a possibilidade de publicá-los. Negava mesmo tê-los".

Mais adiante, falando do retorno do escritor, com três contos, publicadas, respectivamente, na antologia "Assim Escrevem os Catarinenses" e nas revistas "Ficção" e "Status", Salim Miguel observa, definindo em somente dois parágrafos o estilo do contista: "Em três contos revela não só o mesmo observador atento e interessado, tendo o que dizer e sabendo como dizê-lo, mas um crescente domínio da técnica narrativa. Na briga para domar a palavra ele atinge o tom justo, a medida exata, indo até o mais profundo da psique humana e investigando-a exaustivamente. Embora seus contos sejam mais de clima, de situações estancadas, de localizações indefinidas, do que de ação e determinações geográficas precisas, há sempre a permanência de alguns elementos conhecidos e ambientes identificadores (tanto no interior da Bahia como nas praias de Florianópolis, ou ainda na maneira das personagens se colocarem diante de tudo que as cerca) em uma luta

surda que se desenrola também no interior dessas mesmas personagens.

Mais adiante, Salim Miguel assim nos apresenta um outro contista de seu Estado: "Todo o absurdo da condição humana está presente com suas contradições, em 'No Banco Geral', conto que abre um dos dois volumes recém-lançados por Emanuel Medeiros Vieira, e onde se cristalizam algumas de suas principais características de ficcionista. Aí se encontra o escritor preocupado com o destino do homem é perplexo diante dos desencontros que marcam a nossa época e ali estão, igualmente, tratamento e estilo que mostram a constante evolução de sua prosa, em busca de depuramento formal e de sempre melhor transmissão de idéias. É uma prosa tensa, elétrica, sincopada, com situações e planos se entrecruzando e fundindo".

Por estas duas amostras, deu para o leitor perceber o por quê de termos dito acima que o jornalista, em virtude da objetividade com que analisa um fato, um enredo ou um estilo, é o homem ideal, o profissional talhado para promover qualquer obra ou escritor. Sem inúteis e cansativas circunvoluções semânticas, Salim Miguel vai direto na "veia". Em poucas palavras e sem recorrer a cansativas e pedantes citações, caracteriza em duas páginas os contos de Boos Jr. e o propósito de Emanuel Medeiros Vieira, ele arremata, mais adiante: "Tempo e memória. Como uma imagem que despota e some, vaivém, tempo e memória constituem a chave mestra para se penetrar no mundo convulsivo de Emanuel Medeiros Vieira. Não estamos, aqui, tratando da valorização desse conto como peça de uma obra, mas de uma peça que dela ressuma faz com que o Autor por vezes se perca, ou, mais, uma peça básica para a melhor compreensão de uma obra em pleno processo de andamento, com sua conclusão tão elucidativa: 'A memória paralisava. Voam os retratos, a casa cai definitivamente e soluçam todos os fantasmas desta minha terra de Florianópolis, evocados pelo vento sul'. Fantasmas que não o abandonarão como o vento sul nunca abandonou o poeta Cruz e Sousa".

## Uma crítica acessível mesmo aos não-iniciados

Caminhamos mais um pouco por este aposento do "castelo" de prosa fácil e fluida e das definições inteligentes de Salim Miguel, apresentando seus colegas co-estudanos para o grande público brasileiro. No capítulo intitulado "A Face Escondida", ele aborda a reedição do romance "Geração do Deserto", de Guido Wilmar Sassi, de quem não consegue esconder a grande amizade que os liga, a respeito da revolta do Contestado, um dos fatos mais relevantes que

marcaram o início da nossa conturbada história republicana. A crítica é escrita na forma de uma carta colóquial ao amigo, destacando as razões porque apreciou a obra. Num trecho, Salim Miguel observa: "O Contestado não teve, como Canudos (ao qual sob muitos aspectos se assemelha) o seu cronista do dia-a-dia, que depois retomasse tudo aquilo e o transfundisse num documento de peso, numa radiografia social e humana. Teve relatórios, como o de Setembrino, o que é outra coisa. Faltou-lhe, numa palavra, um Euclides da Cunha. Pode-se dizer: mas os Sertões é, a um tempo, um bem e um mal. Intimida. Inibe. Tanto que poucas são as obras explorando o tema, raros escritores tiveram, depois, coragem de se debruçar sobre aquela saga. Foi preciso, agora, Mário Vargas Llosa. Mas esta é outra história".

Feito o reparo, Salim entra direto na análise do livro: "Geração do Deserto pode ser lido por sua força e autenticidade, pela sofrida humanidade que cria, pelos conflitos que arma e desenvolve. É um painel abrangente montado em pequenos blocos; neles, a tensão se estrutura a partir de valores ficcionais próprios, manejados por um autor que domina sua técnica e plenamente dotado para o gênero. E se elementos da realidade se fundem e confundem a elementos míticos, tanto melhor. Não importa aqui se personagens como Elias de Moraes, Zeferina e seu filho Nenê, Júlia e Líviera, José Maria realmente existiram, tinham papéis passados em cartório. Importa, sim, se a partir da verdade que lhes dá Guido Wilmar Sassi eles passam a existir".

Dito isso, Salim arremata: "É neste universo caótico que se insere teu livro, um grito de denúncia procurado, por igual, resgatar parte da memória de um país que teima em não querer ter memória ou elidir a memória que não lhe é agradável (vide Ruy Barbosa mandando queimar os documentos sobre a escravidão no Brasil). Isolados, ilhados, acudados, os caboclos se agarraram a antigas crenças, falavam na volta do monge João Maria, que viria resgatá-los, denunciavam a República, que só males lhes trouxera, querem de novo o Império, reabriram um passado que inexistiu, formam batalhões comandados pelos Doze Pares da França - como "par" são dois, temos então 24 "nobres" organizando suas forças e combatendo contra os hereges. Seria bom, no caso, num ensaio de interpenetração e interpretação, aproximar estes de outros episódios que se lhes assemelham, como, por exemplo, além de Canudos, os Muckers no Rio Grande do Sul".

Finalmente, para encerrar, mostramos um trecho de sua abordagem acerca do romance "Tocaia Grande", de Jorge Amado. Mais uma vez, Salim Miguel revela a sua objetividade de jornalista, definindo, em poucas palavras, o clima em torno do qual é elaborada a obra: "Jorge Amado joga com dados que lhe são caros e que ele manipula com conhecimento. A história vai se erguendo, armando, surgem os entrecabos de personalidades, há o aparecimento de dificuldades inerentes ao tipo de vida que levam. Mas tudo é ultrapassado. O jogo do perde/ganha continua. E a natureza, sem graves percalços, se adapta e se transforma sem maior prejuízo. E bem depois, com a chegada do processo de industrialização acelerada e indiscriminada, com o chamado "progresso", que o equilíbrio começa a se romper. Entram aí as relações de produção capitalista, a agressão violenta contra a natureza, resultado de um sistema econômico que só visa o lucro. Mas neste ponto Jorge Amado já abandonou Tocaia Grande (que vai passar a ser Irisópolis), já largou seus personagens - e deixa a conclusão mais lógica para o leitor. Ele não está fazendo ensaio, não está querendo comprovar nenhuma teoria. Através da ficção, contando sua história, ao revelar problemas inerentes à condição humana, tudo fica implícito".

Como o leitor pode observar, nesse breve passeio por este "castelo" contido entre duas capas, não há nenhum monstro das teorizações inúteis, monstro das classificações pedantes e das citações cansativas em seus aposentos. O que se descobre, é um lado humano, insuspeitado de escritores e de seus personagens. E um jornalista que prova que a crítica literária não é nenhum exercício destinado apenas a uma meia dúzia de iniciados, estes, sim autênticos Frankenstein, encerrados em frágeis e inacessíveis "torres de marfim".



Crítica aborda, com originalidade, a obra de Jorge Amado



## Outro magnífico Miguel

Catarinense de Biguaçu, jornalista e escritor de 13 livros e de roteiros cinematográficos. Salim Miguel, 62 anos, lança mais outro, **O Castelo de Frankenstein** (Editora da USC, Florianópolis). Criado no interior de Santa Catarina, em 1943 Salim vai com a família para Florianópolis. Na época a atividade cultural da cidade praticamente se resumia em torno de uma revista literária, a *Sul* (1948-1958). Era o veículo pelo qual os jovens de talento, ilhados, podiam manter intercâmbio com as novas idéias, da poesia às artes plásticas, com os

centros culturalmente mais evoluídos. Salim foi um dos mais atuantes do grupo. *O Castelo de Frankenstein*, uma coletânea de crônicas e análise literária escritas pelo autor em jornais e revistas do Rio (MANCHETE entre elas) e de Florianópolis, conta as experiências literárias iniciais do escritor na crônica *Marques Rebelo em Florianópolis*. Em estilo claro, cuidado e incisivo, Salim Miguel analisa (em 52 crônicas) o movimento literário no Brasil, em Santa Catarina e na América do Sul, começando com Adolfo Boos e terminando com Umberto Eco. □ **Flávio de Aquino**

# Salim Miguel rompe fronteiras com 'O Castelo de Frankenstein'

**A**SSIM como do cérebro excêntrico de um médico saiu um monstro, do conhecimento de Salim Miguel se originou um estudo crítico sobre mais de 50 autores do continente americano, que constroem *O Castelo de Frankenstein*. Recém-lançado na I Feira do Livro de Florianópolis, ele já figura na lista dos mais vendidos entre os escritores catarinenses. Nesse *castelo* — uma homenagem à obra *O castelo de Axel*, do norte-americano Edmund Wilson — cabe tudo o que diga respeito à literatura. Salim rompe as fronteiras e navega pelo oceano literário local e dos países vizinhos. "Afinal, vivemos numa ilha, mas não podemos pensar numa ilha", pondera.

São 57 críticas, resenhas e prefácios publicados entre 1976 e 1985 em vários órgãos de imprensa (Manchete, Ficção e Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro; Pau Brasil e Leia, de São Paulo e Correio do Povo, de Porto Alegre, além deste jornal), abordando a obra de autores escolhidos como Adolfo Boos Jr., Jorge Amado, Ignácio Loyola Brandão, Gabriel García Márquez, Manuel Puig, Ernesto Sábato, Italo Svevo e Saul Bellow.

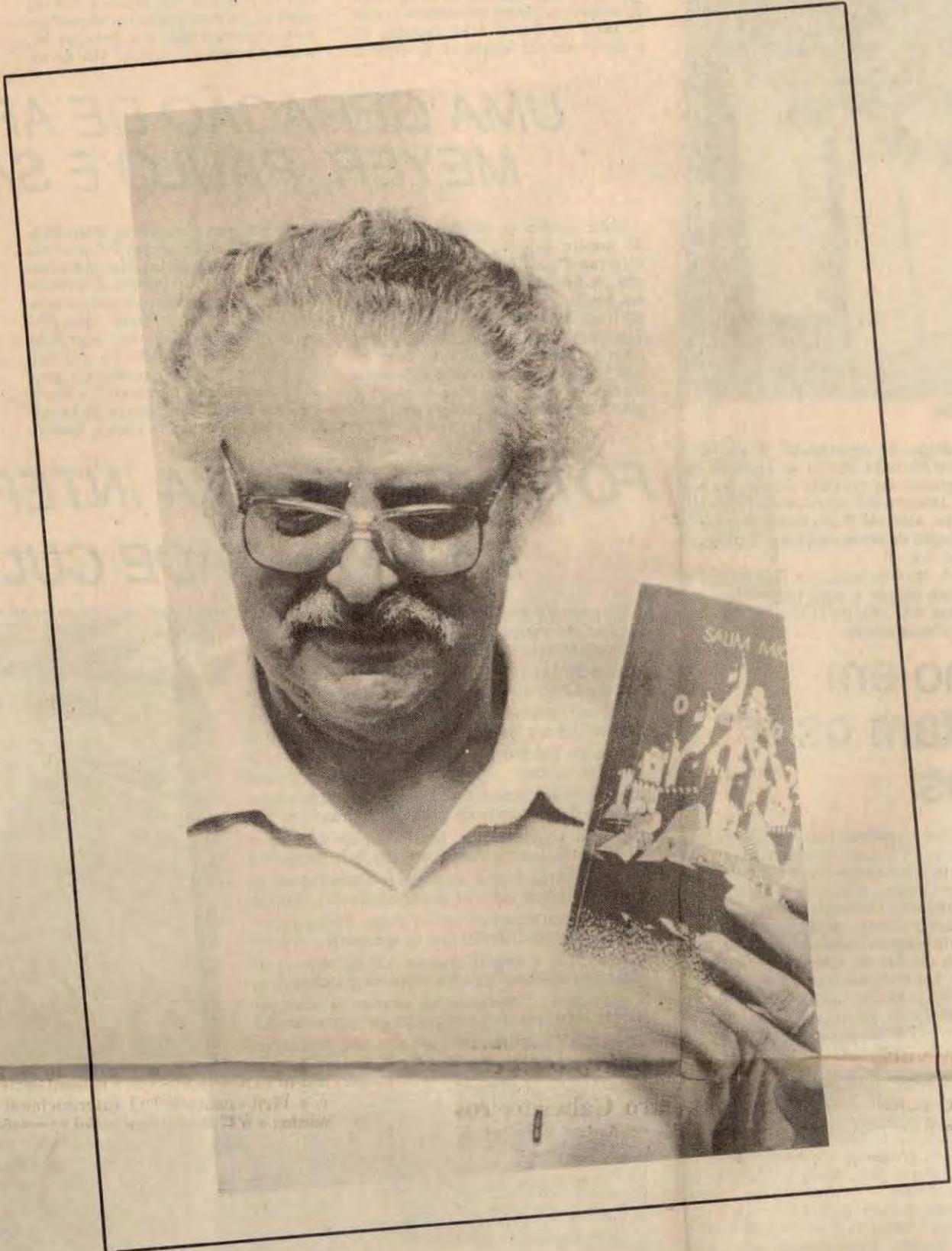
Embora dividido em quatro capítulos aparentemente desconexos — Santa Catarina, Brasil, Hispano-América e outros — o livro tem uma unidade que, segundo o autor, é dada por sua maneira de ver a criação. Aliás, o biguaçuense de origem libanesa bebe desse pote — a literatura — há 32 anos em seus 62 de vida. E anuncia: "Não vou parar nunca". No primeiro capítulo ele faz uma pausa especial para conceituar a produção local e contar sua história, sob o título *Literatura SC: breve notícia*.

## SUL: DIVISOR DE ÁGUAS

Logo no terceiro parágrafo *uma revelação: a literatura em Santa Catarina se processa em ciclos mais ou menos estanques*. "Se nós tomarmos o final do século passado teremos o ciclo da *Idéia Nova*, encabeçado por Cruz e Sousa e Virgílio Várzea. Altino Flores e Othon Gama D'Eça marcaram a década de 20 com a fundação da Associação Catarinense de Letras", elucida Salim. Até então, analisa, Santa Catarina nunca foi pródiga em autores representativos. Na poesia sobressai Cruz e Sousa (sempre ele), logo a seguir Luiz Delfino. "Os demais são menores, mesmo em termos regionais", lamenta.

Na prosa o panorama era ainda mais melancólico. Para Salim, "não existia um único rosto que se possa equiparar a Cruz e Sousa". A sua sombra estão Virgílio Várzea, Othon D'Eça e Tito Cavalho, que fazem da temática mar e do regionalismo *serra-acima*, duas vertentes em que se bifurca a literatura catarinense. A primeira seguida mais tarde por Holdemar Menezes, Miro Morais, Silveira de Souza, Almiro Caldeira, Flávio José Cardozo. A outra, por Guido Wilmar Sassi, Enéas Athanázio, Edson Ubaldo, adota às vezes um fundo histórico, como no caso de Uda Klueger.

O próximo ciclo, que daria berço a estes expoentes, seria um divisor de águas. A partir dele o autor detecta uma sensível virada na produção literária, tanto em quantidade como em qualidade. Pelos idos de 40 e 50 um grupo de jovens estudantes e intelectuais se reunia para sacudir a poeira da literatura, artes plásticas, cinema e teatro. Embora tardiamente, fizeram acontecer aqui o movimento de arte moderna nas-



cido no eixo Rio-São Paulo. Provocando a cidade pequena, os vanguardistas eram tidos ou como *bichas* ou comunistas.

Aqueles jovens do *Grupo Sul*, em que se incluíam Salim Miguel e sua esposa Eglê Malheiros, iniciaram um ciclo até hoje ainda não superado, na opinião do presidente da Academia Catarinense de Letras, Theobaldo Jamundá. Eles fazem parte de um tempo, nem tão distante, "em que se falava nas três capitais de Santa Catarina: Florianópolis, Porto Alegre, Curitiba, para não falar em Rio e São Paulo".

## MOVIMENTOS FLUTUANTES

Como fruto desse deslanche, as Edições Sul lançam na década de 50 vários ficcionistas: o próprio Salim, Adolfo Boos Jr., Guido Wilmar Sassi e Antônio Paladino. Surge também um gênero até então inexplorado — a antologia, que permite acompanhar a evolução da literatura e de seus protagonistas no período. Exemplos são *Contistas novos de SC*, *Edições Sul* (54), *Assim escrevem os catarinenses*, Alfa Ômega (76), *Este mar catarina*, Editora da UFSC (83), *Este humor catarina*, Lunardelli, entre outros.

Do ciclo *Idéia Nova* ao *Grupo Sul*, Salim identifica uma característica constante: a presença da poesia e do conto, sendo que ambos são, igualmente, os dois pólos

de maior destaque. Em consequência, "temos hoje um número expressivo de excelentes poetas e contistas", elogia ele, ressaltando apenas que "do Sul para cá, são movimentos flutuantes, que não se fixam nem consolidam: há nomes e nomes, há lançamentos de livros, de promoções, de concursos".

Nesse caldeirão efervescente, o bruxo Salim se detém a analisar individualmente a forte pitada que os catarinenses Adolfo Boos Jr., Emanuel Medeiros Vieira, Guido Wilmar Sassi, Holdemar Menezes, Ricardo Hoffmann e Silveira de Souza colocaram na poção. "Apesar das concepções e estilos diferentes são partes de um todo", reitera. Como estas, as críticas dos outros autores nacionais e hispano-americanos foram solicitadas ora pelas empresas jornalísticas ora indicadas pelo autor, com base nos lançamentos literários da época.

## A GLÓRIA

Além de jornalista e escritor, Salim Miguel está à frente da Editora da UFSC e já enveredou pelos campos do cinema, como roteirista de *O preço da ilusão* (57) — o primeiro longa-metragem realizado no Estado —, de três documentários: *O caminho certo* (58), *Santa Catarina* (62) e *Vale o progresso* (64). E mais dois filmes de ficção: *A cartomante* (74),

baseado no conto de Machado de Assis e *Fogo morto*, romance de José Lins do Rego.

Ingressou na literatura em 1951 com *Velhice e outros contos*, escrevendo depois *Alguma gente* — histórias, *Rede* — romance, *O primeiro gosto* — contos, *A morte do tenente e outras mortes* — contos e *A voz submersa* — romance. Participou na organização das antologias *A Ponte* (prosa e verso), *Centenário de Cruz e Sousa: interpretações*, *Este mar catarina* e *Este humor catarinense*, e foi estudado em pelo menos dez outras.

Desde a primeira obra, duas atitudes marcam sua literatura: "Uma reflexão sobre o ato de viver e de escrever, procurando extrair daí minha visão de mundo". A outra, denota sua ambição e a vontade de ir ainda muito mais além: "Nenhum escritor deve se satisfazer em ser uma gloriuzinha municipal. Mesmo que não consiga alcançar projeção nacional, deve querer sempre ser um nome importante no cenário cultural de seu País, de seu meio e de seu tempo", aconselha, de cadeira.

*O castelo de Frankenstein; anotações sobre autores e livros*, Salim Miguel. Editora da UFSC, coedição Lunardelli, 1986, 212 páginas, Cz\$ 70

## A crítica de livros

Salim Miguel é ficcionista bastante conhecido e louvado, autor de numerosos livros, entre romances e volumes de contos, e organizador de muitas antologias de assuntos e autores de Santa Catarina. Pode-se mesmo dizer que ele é um dos melhores e mais ativos escritores catarinenses de hoje. Nada obstante seu renome nos meios literários, Salim Miguel escreve sobre livros que recebe, ao contrário da esmagadora maioria de seus companheiros, que não diz uma palavra sequer sobre obra de quem quer que seja, mas espera que todos escrevam a respeito de publicações de sua autoria. Escrever sobre livros dos outros seria uma diminuição inaceitável.

O escritor catarinense, no entanto, que tem a consciência de que a literatura, para sair da quase clandestinidade em que se encontra, tem de ser levada ao público como atividade artística séria e válida, sempre escreveu sobre livros dos seus colegas, prestando assim um bom serviço às letras do País. É preciso fazer com que o povo se habitue ao contato com a produção literária, compenetrando-se de que, além dos cantores e contorcionistas do rock e dos atores e atrizes das novelas de televisão e do cinema (bem como os jogadores de

futebol), ainda existem escritores e poetas dedicados à recriação e invenção da vida em termos de arte, que lhe podem oferecer um produto excelente para preencher agradavelmente as horas de lazer.

Como Salim Miguel sabe que a literatura, para se tornar um produto de consumo habitual, tem de atingir o público através dos veículos de comunicação, ele jamais deixou de usar os espaços que conquistou com seus estudos sobre autores e livros. Tais trabalhos vêm sendo publicados há muitos anos em numerosos jornais e revistas do País. Destinados ao público em geral, esses estudos são bastante simples, sem sofisticadas metodologias ou teóricas em sua maioria. Uma seleção desses trabalhos de reflexão crítica foi há pouco reunida em livro, sob o título de *O Castelo de Frankenstein*, publicado pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, em convênio com a Editora Lunardelli, de Florianópolis. O livro está dividido em quatro partes: "Santa Catarina", "Brasil", "Hispano-América" e "Outros", agrupados os trabalhos segundo o domicílio dos autores focalizados. Na primeira parte, Salim Miguel estuda os autores catarinenses, revelando muitos valores literários inteiramente desconhecidos fora do seu estado natal. Os demais escritores do País aparecem na segunda parte do livro. Os estudos estão escritos em linguagem bastante acessível, sem os aparatos da crítica universitária de nossos dias, sofisticada e esnobe e por vezes distorcida.

O autor centra seu julgamento em elementos de literariedade indiscutível, apoiado em sua experiência e vivência de escritor, em sua sensibilidade e cultura. Aliás, a crítica literária autêntica somente se realiza com base nesses elementos.

Almeida Fischer

**N**ome dos mais expressivos da sua geração, aquela que revolucionou a terra catarinense que seus vãos mais altos através da revista «Sul», Salim Miguel se impõe desde logo como ficcionista de melhor água. Iniciou-se no conto. Suas histórias curtas tiveram melhor aceitação aqui e alhures. Retratam instantes da terra. Mostram uma gente. Salientam aspectos de sua província e que se universalizam ao toque mágico de suas mãos. Sabe criar, ao sopro vivificador de quem, observando o cotidiano dele retira o material com que vai construindo novos mundos. Não inventa. Serve-se do que capta no ar para atender a um chamamento irresistível, aquele de assegurar no tempo e no espaço a permanência de certos valores. Passou depois para o romance e conseguiu igual sucesso. Dele falou a crítica com entusiasmo e o público recebeu muito bem essa sua nova manifestação do espírito. Mas é também ensaísta vitorioso, abordando temas os mais variados e fixando-se principalmente na gente e na terra catarinenses. Durante tantas décadas, a área como que se isolou. O leque de seus valores mais autênticos permaneceu ausente dos movimentos mais amplos que se espraiavam por estes brasís. Foi necessária a reação dos

# UM CASTELO

Campomizzi FILHO

juvens da «Sul» para que sua voz fosse ouvida, chamando a atenção para um núcleo autêntico que se firmaria mais tarde em diferentes rumos, embasando-se no valor de cada moço e espreitando modos e maneiras de fazer sentir, mesmo ao longe, a repercussão de um trabalho sério e duradouro. O escritor Salim Miguel foi um poço dessa alma, constante e desinteressado em outras colheitas. Sentia-se realizado à medida em que retornavam os dividendos do esforço coletivo. Novas figuras se agregam à listagem inicial. E isso seria importante para atingir-se os níveis de hoje, realmente expressivos e de certa pro-

fundidade. Vieram as coletâneas e as antologias estimulando os menos agressivos e oferecendo uma porta aberta a quantos se sentissem chamados para uma jornada mais ampla e mais fértil.

Pois no ano passado, em edição da Universidade Federal de Santa Catarina, Salim Miguel nos entregou esse seu vitorioso e aplaudido «O Castelo de Frankenstein», em que reúne suas anotações acerca de autores e de livros. São críticas e resenhas publicadas na imprensa do país e que não poderiam mesmo dormir para todo o sempre nas velhas coleções desses periódicos. Abordando com inteligência e com acuidade temas e sensações, o muito que lhe batia à alma ao final de cada leitura, soube transmitir a todos nós tantas de suas surpresas e muitas de suas descobertas. Divide ele o volume em quatro partes diversificadas: Santa Catarina, Brasil, Hispano-América e Outros. Seus trabalhos não perdem em atualidade e em oportunidade. Dá uma explicação acerca da posição que tomou a permitir que essas colunas ganhassem a dimensão de um tomo, desses que ficam de pé na estante. Oferece sua contribuição pessoal para a divulgação dos títulos e de seus res-

Continua na 2ª página

# UM CASTELO

continuação da 1ª página

ponsáveis. Começa, de certo, pelos seus próprios horizontes. Fala dos amigos e dos companheiros. Mas não é apenas de louvação simples o seu cuidado. A preocupação de levar mais longe essa produção que às vezes e dificilmente consegue romper certos percalços, que é penoso o processo de difusão da leitura por um país sem livrarias e de projeção continental, empurra-o a uma tomada de posição de indistigável isenção. Seu aplauso não é gratuito. Salienta o verdadeiro valor. Com isso, faz com que os nomes que vencem o seu crivo partam para novos empreendimentos. E isso é importante quando já se nota por parte do leitor uma busca de orientação. Não nos deixamos levar mais e apenas pela apresentação física do trabalho. Queremos saber de seu conteúdo e do quanto nos pode oferecer ele em contribuição para o nosso espírito ávido de novos conhecimentos.

Santa Catarina é um manancial que precisa ser aproveitado nos seus veios mais cristalinos. Lá está a questão do Contestado, um tema que merece vivido nos seus mais diferentes aspectos. Não se trata apenas de uma questão de limites entre duas províncias. Não nos restringimos tão somente ao aparecimento das figuras místicas que empolgaram toda uma população. Não é o caso circunscrito de luta por um punhado de boas terras. Em tudo existe alguma coisa mais que só o escritor de talento é capaz de descobrir. A área tem também suas histórias, com a presença do colonizador açoriano e, depois com a chegada de grupos étnicos diferentes, italianos e libaneses, alemães e poloneses, todos identificados com a gleba que fecundam e a que transmite tanto de suas formações. Passa depois Salim Miguel para horizontes mais vastos. Vai a Jorge Amado que retorna ao seu chão do cacau. Experimenta no mestre baiano a busca de um equilíbrio ecológico que se manifesta também na própria paisagem humana que ali se fixou. Houve uma desagregação com a queda dos coroneis. Os filhos bacharéis não conseguiram manter uma situação anterior que se desequilibrara à afirmação de novas lideranças:

O que mais nos chama a atenção nesse «O Castelo de Frankenstein», de Salim Miguel, é a sua acuidade diante de nossa movimentação editorial. É um leitor constante. Tem sempre à sua frente o que de mais novo se lançou dos nossos prelos. Não se esquece dos hispano-americanos, que tomaram um lugar na literatura ocidental, a partir de um fabulário maravilhoso, a que não faltam as tintas do mistério e duendes. Entende Umberto Eco, o romanista italiano, em seu «O Nome de Rosa». Diz de suas experiências em outros campos e nem mesmo abandona a poesia, que adimir desde Virgílio Várzea e Souza, santos de sua devoção. Publicando essa coletânea de críticas e de resenhas de Salim Mi-

SALIM MIGUEL

### O CASTELO DE FRANKENSTEIN

Anotações sobre autores e livros

*Santa Catarina; Ed. da UFSC/1986*

Como já registra o subtítulo, o A. reúne, neste volume, suas resenhas e depoimentos publicados em jornais e revistas ao longo de uma intensa actividade jornalística.

O *Castelo de Frankenstein* está dividido em quatro partes: a primeira começa com uma notícia, realmente panorâmica, da vida literária de Santa Catarina. Por sinal, o ilhamento cultural, político e económico de que Salim Miguel fala, é uma amostra perfeita do que ocorre também em outros Estados brasileiros. Excluindo Rio de Janeiro e São Paulo, não sei se outro tem a sua independência, pelo menos cultural, que provoque a atenção da intelectualidade dos grandes centros. O escritor da Província, por melhor que seja, se não se deslocar para o Rio de Janeiro e/ou São Paulo, onde tudo acontece, passará sem o reconhecimento de sua obra. Portanto, vejo que abrindo um espaço especial para a

literatura de Santa Catarina, excluindo-a da segunda parte de seus estudos, «Brasil», ou seja, a literatura no Brasil, quis o A., com suas anotações, sem muita pretensão crítica, chamar a atenção para a produção literária de seu Estado.

Nesta segunda parte, Salim Miguel percorre o Brasil através de suas leituras, não só dos autores já consagrados, mas trabalhando com um *corpus* bastante variado: do Norte, com Dalcídio Jurandir, passando pelo Nordeste, com Jorge Amado, José Américo de Almeida, Moreira Campos e Josué Montello; ultrapassando o Brasil-Central com José J. Veiga, Autran Dourado; sem esquecer o Sul com sua Saga, seus Arquipélagos e seus Incidentes em «Um solo solidário», na prosa de Érico Veríssimo.

A quarta parte compõe-se de seis resenhas de livros internacionais. Entre eles se destaca «Os ecos da rosa» sobre o *best-seller*, de Umberto Eco, *O Nome da Rosa*. Neste texto, o A. mostra conhecer bem os romances policiais de Conan Doyle. Um voo curto na literatura comparada quando pretende ver alguma identidade entre estes autores.

Pelas abordagens, pelos autores estudados, por serem matérias variadas e pela independência dos textos que este *Castelo* nos apresenta, concluo que o leitor encontrará, não uma invulgar proposta crítica, mas um importante registro informativo que, sem dúvida, contribuirá bastante para orientar estudiosos de literatura.

*Teoberto Landim*

Salim, um bravo do seu amigo

Dimas

# Crítica e recensão

\* Dimas Macedo

O nome do escritor catarinense Salim Miguel representa, com a mais absoluta certeza, uma legenda de clarividência no processo de transformação e de referência da moderna literatura do Brasil, entrelaçada que se encontra a sua contribuição com os movimentos de vanguarda e de transição que se operaram em Santa Catarina e em boa parte da ambiência da região Centro-Sul.

Ficcionista dos mais expressivos da sua geração, ao lado de Dalton Trevisan, de João Antônio, de Hélio Póvora, de Moreira Campos e de outros nomes exponenciais da curta ficção brasileira, constitui uma elite das mais importantes da nossa história literária, gradativamente dimensionada pela aparente modernização que incorporou ao acervo da nossa memória cultural.

Na década de 70 a personalidade de Salim Miguel se destacou basicamente através das páginas da revista "Ficção" que ele fundou e ajudou a editar, contribuindo assim para a tentativa de documentação da curta ficção brasileira, com o mais ousado e expressivo projeto literário que neste sentido foi erigido entre nós.

Em livros como "Velhice e Outros Contos" (1951), "Alguns Gente" (1953), "Rede" (1955), "O Primeiro Gosto" (1973), "A Morte do Tenente e Outras Mortes", (1979) e "A Voz Submersa" (1984), cujo conteúdo ainda não teve a oportunidade de conhecer, flui, com certeza, o tirocínio do escritor polivalente e maduro que Salim Miguel não conseguiu ocultar e que a crítica literária mais consistente e esclarecida soube avaliar na sua mais cristalina proporção.

Entretanto, é da dimensão do crítico que habita as aspirações literárias de Salim Miguel que neste artigo ousou discorrer. Nas suas anotações sobre livros e autores, enfeitadas em "O Castelo de Frankenstein" Florianópolis, Editora da Universidade de Santa Catarina, 1986, aparece revelada, de forma indiscutível, a face do analista literário colocada acima de qualquer suspeição.

Enfocando aspectos da literatura catarinense atual, da aventura literária contemporânea do Brasil e do projeto ficcionista e lítero-criativo da cultura artística hispano-americana, isto sem contar suas incursões pelo discurso de Italo Svevo, Umberto Eco, Saul Below e Alexander Lenard, o autor de "O Castelo de Frankenstein" parece efetivamente testemunhar a superioridade cultural e artística da sua maneira de interpretar os valores e desvalores da literatura em toda a sua humana e transformadora dimensão.

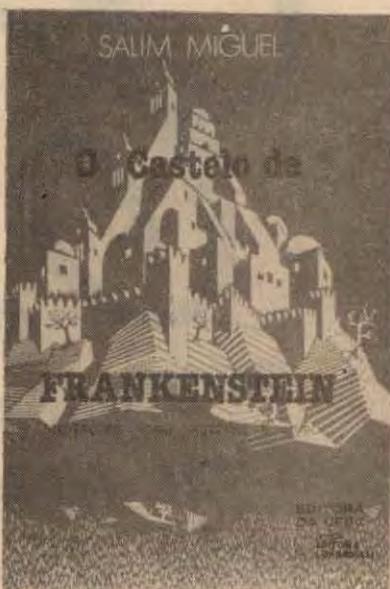
As raízes do discurso crítico de Salim Miguel se encontram assim explicitadas segundo as palavras do autor: "desde muito cedo, criança ainda, ao mesmo tempo em que dava início à minha ficção, imaginando-a a recontando-a primeiro oralmente, e depois em rascunhos que circulavam de mão-em-mão, ia inten-



tando uma reflexão crítica sobre o ato de viver e o ato de escrever".

Assim, ficcionista consciente, pois, dos mistérios que envolvem a pesquisa da linguagem e o ofício do refazer a escritura literária em permanente processo de recriação, Salim Miguel, desta forma, se revela crítico literário consciente e audaz, extraíndo dos segredos da mundividência literária as ferramentas necessárias ao seu processo de cosmovisão.

Humilde, no entanto, na "explicação necessária" com a qual procura abri "O Castelo de Frankenstein", Salim Miguel nos seduz e encanta ao confessar o seguinte: "nestes escritores que ora público existem vários onde me debrucei mais detidamente, analisando autores e obras, procurando desvelar a intenção última da proposta inscrita e dela extrair minha leitura; noutros estão o que eu chamo de manchas, sucintas anotações, pinçando algo do que mais me tocou. Gostaria também de esclarecer que se muitos dos trabalhos foram solicitados pelos órgãos de imprensa, para alguns a sugestão foi minha. Nem todos, claro, são autores de minha preferência — e a respeito de alguns que mais marcaram nunca conseguí escrever".



E assim deslança pelas páginas de "O Castelo de Frankenstein" o discurso sedutor e cativante de Salim Miguel, explicando aspectos ainda ignorados ou ainda não devidamente compreendidos da obra de escritores como Guido Wilmar Sassi, Ricardo Hoffmann, Autran Dourado, Josué Montelo, Jorge Amado, Mário Pontes, José Américo de Almeida, Marques Rabelo, Miguel Jorge e Ignácio de Loyola Brandão, isto sem contar a revelação que o autor nos faz da escritura de monstros sagrados da literatura latino-americana como Carlos Fuentes, Ernesto Sábato, Guillermo Cabrera Infante, Jorge Icaza, Juan Rulfo e Gabriel Garcia Marquez, aliando ao compromisso destes escritores a aventura literária de Italo Svevo, Umberto Eco, Alexander Lenard e Saul Below, cujo universo interpretado e descoberto pela argúcia do autor de "A Voz Submersa" nos proporciona a sensação de uma encantadora alegoria cultural.

Interessante, decididamente interessante a abordagem feita por Salim Miguel em torno da obra de Braga Montenegro, mestre consumado do conto brasileiro mas ainda hoje desconhecido do grande público nacional, pelas circunstâncias trágicas do destino que o aferrou aos limitados espaços da sua província natal.

Gratificante também me foi observar a penetração e a sensibilidade com as quais o autor penetrou no universo de Gogol, traçando-lhe um dos retratos mais densos entre todos os que foram produzidos entre nós. A descoberta e a interpretação que fez da obra de Orlando Geraldo Rego de Carvalho igualmente muito me valeu, assim como me foram compensadores os desenhos projetados em torno de Rulfo, de Svevo e de Cortázar, mostrando-nos assim Salim Miguel o quanto a sua experiência de crítico o situa como um escritor percuciente e fora do comum.

\* Escritor e professor da Universidade de Fortaleza

# Miguel lança 2º volume de O Castelo de Frankenstein

■ *Trata-se do 11º título publicado pelo autor catarinense*

**Florianópolis** — Sem nenhuma festa de lançamento, o volume 2 de O Castelo de Frankenstein, de Salim Miguel, já se encontra à disposição dos leitores. O livro, publicado pela Editora da UFSC, reúne “anotações sobre autores e livros” divulgadas por vários órgãos de imprensa de 1949 até o ano passado, diferentemente do volume 1 (de 1986), que contém escritos de um período de dez anos. Salim Miguel, diretor executivo da EdUFSC e, portanto, organizador de diversos lançamentos anuais, afirma simplesmente que não sabe mais lançar suas próprias obras. A última festa do gênero, no seu caso, aconteceu em 1973, no Studio A-2, de Beto Stodieck — a quem o Castelo de Frankenstein é dedicado, ao lado do escritor Adonias Filho.

O que motivou a edição do segundo volume deste Castelo, segundo o autor em seu prefácio, “foi a aceitação do primeiro por parte dos leitores e acolhida favorável da crítica” (como registrou na contracapa do livro). Trata-se do 11º título publicado por Salim Miguel, entre nove volumes de ficção — entre contos e romances — e dois de crítica literária (os dois Castelos frankensteinianos). Nascido no Líbano e criado em Biguaçu, Salim transferiu-se para Florianópolis em 1943 e iniciou na Capital as suas atividades em torno da cultura. Sua estréia em livro se deu há quase quatro décadas, com “Velhice e outros contos” (Ed. Sul, 1951).

A editora que permitiu esta estréia era parte de um todo chamado Grupo Sul — movimento cultural renovador que durou dez anos, de 1947 a 1957. Além da editora, o grupo encabeçado por Salim Miguel e Aníbal Nunes Pires publicava uma revista, mantinha um clube de cinema e ativava o cinema, as artes plásticas e o teatro no Estado. Mais tarde, depois de ter publicado o primeiro romance, “Rede” (Ed. Sul, 1955), Salim radicou-se no Rio de Janeiro — de 1965 a 1979 —, onde, entre outras coisas, editou a revista Ficção, ao lado de Eglê Malheiros e Fausto Cunha.

O volume 2 de O Castelo de Frankenstein, mais abrangente que o primeiro, inicia com “um texto juvenil e provocador”, segundo o próprio autor, e termina com um ensaio sobre o cinema e os mitos. Entre estes dois textos, o leitor encontrará desde anotações sobre personagens catarinenses, como Jorge Lacerda, Gama D’Eça e Ody Fraga, até estrangeiros como Joseph Conrad e Fernando Pessoa.



## Novos lançamentos em breve

Uma vez que “não sabe” lançar seus próprios livros, o diretor executivo da Editora da UFSC aproveita para anunciar alguns lançamentos alheios e não apenas de sua editora. Na próxima sexta, dia 21, a pedida é a palestra e o lançamento do novo livro de Christovam Buarque, “A desordem do progresso (o fim da era dos economistas e a construção do futuro)”, da Paz e Terra, que acontecem a partir das 20 horas no auditório do Centro de Ciências Humanas da UFSC, Buarque, romancista, economista e professor universitário, foi reitor da Universidade de Brasília entre 1986 e 89.

De sua editora, três títulos têm

lançamentos marcados para breve: “Eleições e sistema partidário em Santa Catarina (1945/1979)”, de Yan de Souza Carreirão, dia 24, às 20h30min, no restaurante Reçaka, “A questão nuclear brasileira: um jogo de mandos e desmandos”, de Odete Maria de Oliveira, dia 27, às 21 horas, na Biblioteca Central da Universidade do Vale do Itajaí, e “Produtor e agroindústria: consensos e dissensos”, de Maria Ignez Paulilo, dia 26, às 17h30min, na Galeria de Arte da UFSC. Além destes livros, a Editora da UFSC acaba de publicar um “Guia para editoração de livros”, de Datus Smith Jr., em convênio com a Universidade Federal de Pernambuco.



● **LITERATURA** — Em co-edição da Universidade Federal de Santa Catarina e a Lunardelli, está saindo o volume II de “O castelo de Frankenstein”, de Salim Miguel. Reúne a colaboração do autor — ficcionista, cineasta e crítico literário — durante os últimos 40 anos, na divulgação de livros e autores, em jornais e revistas. Vale como um largo panorama da vida literária brasileira nesses quatro decênios, constituindo autorizada fonte de referências e pesquisas para professores, alunos e quem quer que se interesse pelas letras nacionais.

LIVROS

Valesca de Assis

## CONTOS DE OFICINA 5



# OS BONS CONTOS DE OFICINA

**CONTOS DE OFICINA 5** - org. Luiz Antonio de Assis Brasil, LIVRARIA EDITORA ACADÊMICA, Porto Alegre, 106 pp. Chega ao público mais um volume da coleção **CONTOS DE OFICINA**, produto do trabalho dos participantes da Oficina de Criação Literária da PUCRS. Amplia-se a série, evidenciando também um crescimento qualitativo, bem como a nítida consciência de que o bom fazer literário é resultado de intensa dedicação, muitas leituras, persistência e honestidade no re-fazer contínuo. A carreira literária é talvez a mais lenta de todas, demandando, segundo Alejo Carpentier, cerca de vinte anos para que um autor firme seu nome entre os leitores. Os jovens escritores que ora lançam sua antologia, têm, de ante-

mão, assegurada a virtude do talento. Perseverando, como pretendem, a literatura gaúcha tem o direito de esperar muito deles. Assinam os **CONTOS** (e **MINICONTOS**) DE OFICINA 5: **Caroline Drehmer, Helena Ortiz, Jane Brodbeck, José Alberto de Souza, Júlio Contê, Vera Lone, Laerte Antonio e Silva, Marlene Flâmia, Patsy Cecato e Paulo Becker.**

**O CASTELO DE FRANKENSTEIN** - Anotações sobre Autores e Livros - Salim Miguel, vol. 2, ED. DA UFSC/ ED LUNARDELLI, Florianópolis, 211 pp. "Você teve razão em reunir em volume seus trabalhos esparsos. Seu livro é substancial, variado, informativo, baseado em julgamen-

to equilibrado e na capacidade de distinguir o essencial". Assim Paulo Rónai saudou o 1º vol. de **O CASTELO DE FRANKENSTEIN**. Neste segundo tomo, como no anterior, Salim Miguel reúne parte de sua produção crítica, publicada em vários jornais do país. O livro é dividido em cinco "espaços": Espaço de Santa Catarina, Espaço do Brasil, Espaço de Outros Países, Espaço Para Viagem e Espaço para Palestra. Salim Miguel transita bem em qualquer desses espaços, conduzindo o leitor, com sua palavra séria e consciente, por veredas seguras de enriquecimento pessoal.

**AMOR & CUBA-LIVRE** - Alvaro Cardoso-Gomes, Col. Tramas, FTD, SP, 118 pp. Interior

de São Paulo, década de 60. Sérgio, personagem principal, relembra sua adolescência. Jamanta, Bagulhão, Quatrofio, companheiros de classe e de algazarra. A escola, lugar ideal para fortalecer o grupo: as colias, os besouros amarrados com barbante, voando felto avlões a jato, a um passo da diretoria, a dois, a suspensão e a falsificação de assinaturas. Belle da Primavera, das Debutantes, do Havaf, do Revellion. Antes, duas cubas-libres para espantar a timidez. Nome da festa, alguém deseja a namorada do próximo: socos, pontapés, cadelras voando... Felizmente, a polícia chega depois. Um livro de retorno à adolescência, onde se fez homem, sem dor, sem culpa e tensões, bem no estilo de uma cidade do Interior na década de 60.

# Um reencontro com Cruz e Sousa

Trabalho importante é esse *Reencontro com Cruz e Sousa*, de Uelinton Farias Alves (Papa-Livro Editora/O Estado/Governo de Santa Catarina, Florianópolis, 1990). Uelinton é jornalista e escritor radicado no Rio de Janeiro e há anos vem se ocupando do estudo da figura do extraordinário simbolista brasileiro que foi Cruz e



Sousa. Ouvindo opiniões, pesquisando em bibliotecas e em outras fontes, ele reúne neste livro parte do resultado de sua incansável busca, trazendo mais clareza à matéria, ou seja, Cruz e Sousa e sua obra.

O livro, ilustrado por Francisco Mibielli, alinha contribuições de Affonso Romano de Sant'Ana, Henrique L. Alves, Néelson Tangerini, Iaponan Soares, Vieira da Silva, Flávio da Cruz e Virgílio Várzea, com apresentação de Austregésilo de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras, que vem a Florianópolis especialmente para o lançamento deste *Reencontro*, amanhã à noite, conforme tem sido amplamente divulgado pelos meios de comunicação.

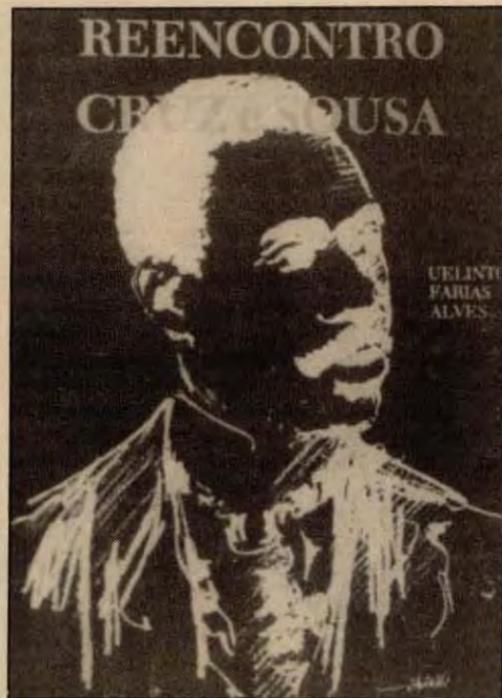
É como a poesia está em pauta, citemos

*Romances e canções sefarditas*, traduzido do judeu-espanhol por Leonor Scliar-Cabral e que saiu recentemente pela Massao Ohno Editor, São Paulo, 1990, merecendo comentários elogiosos de Paulo Rónai, um mestre no assunto. Com trabalho gráfico impecável, o livro, cobrindo o período que vai do século XV ao XX, fornece, de quebra, informações históricas sobre os sefarditas, termo que se refere aos judeus provenientes da península ibérica.

Por fim, saudemos Salim Miguel. Trata-se do segundo volume de *O castelo de Frankenstein - anotações sobre escritores e livros* (Editora da UFSC e Lunardelli, Florianópolis, 1990). O autor dá uma vasculhada em seu baú e colhe preciosos comentários anotados a respeito do universo literário, que ele frequenta com aquele desembaraço próprio dos homens de letras com vocação para organizador da cultura. Aliás, não por caso, uma de suas grandes inspirações é Mário de Andrade, que Salim revisita sem cerimônia e com muito prazer, obrigado.

---

**ODEMIR CAPISTRANO**



# Uma reflexão sobre o ato de viver e o de escrever

**O CASTELO DE FRANKENSTEIN — VOL. 2**, de Salim Miguel. Editora da UFSC. 211 páginas. Cr\$650,00.

O título e a ilustração da capa indicam literatura de horror. Enchendo os olhos, o castelo surge dentro da noite, banhado por uma luz fantasmagórica. Nas escadarias, esqueletos de árvores. Mais uma coleção de histórias de arrepiar os cabelos? Não, calma. Olhe de novo. Leia, veja. Logo abaixo das letras em tom laranja do título, uma chamada esclarecedora: o subtítulo "Anotações sobre Autores e Livros", composto em corpo menor, letras pretas, fundo verde-musgo.



O que se vai ler, portanto, não tem nada a ver com o que parece horripilante. O título, por brincadeira, foi sugerido por um escritor amigo de Salim Miguel, e ele encampou. Não há, também, nenhuma semelhança com *O Castelo de Axel*, estudo sobre o simbolismo nas literaturas francesa e inglesa, do ensaísta e crítico norte-americano Edmund Wilson.

Construção bem-acabada, fortale-

za, mistério... Não é assim que está impressa em nossa retina a imagem de um castelo? Tão antiga — de uma arquitetura nascida no século XI — que se transformou em núcleo permanente de uma percepção universal. Ora, não serve também esta imagem para caracterizar a literatura, condensar tudo o que ela, enquanto arte, significa para o espírito humano? Sim. Como uma construção sólida, poderosa e cheia de mistérios, a literatura resiste ao tempo.

Mas antes apresentemos o autor. Nascido no Líbano em 1924, Salim Miguel era ainda um bebê quando chegou com a família em Santa Catarina, onde foi criado em zonas de colonização alemã e açoriana. Em 1943 mudou-se para Florianópolis. Autodidata, leu tudo que lhe caía nas mãos, encharcou-se de literatura. É jornalista desde a adolescência — e, inquieto, se tornou escritor. De seus 11 livros até agora publicados, nove são de ficção (contos e romances) e dois de crítica literária. De 1947 a 1957, em Florianópolis, participou com outros jovens de um movimento conhecido como Grupo *Sul* — revista, editora, teatro, artes plásticas, clube de cinema, cinema — que agitou e renovou a vida intelectual catarinense. De 1965 a 1979 morou no Rio de Janeiro. Aí sobreviveu como jornalista, trabalhou em cinema, foi um dos editores de *Ficção*, revista literária de circulação nacional que marcou época (76 a 79 — cujos correspondentes em Salvador foram

João Ubaldo Ribeiro e Ruy Espinheira Filho), fez um mapeamento do conto brasileiro, tendo lançado mais de 350 autores inéditos.

De volta a Florianópolis, Salim Miguel chefiou a Empresa Brasileira de Notícias e atualmente dirige a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, um projeto que deu certo, com um catálogo de títulos publicados — abrangendo todas as áreas do conhecimento, séries didáticas, coleções de contos, romances, poesia, ensaios e estudos de etnografia e folclore — de fazer inveja ao da Universidade Federal da Bahia, para não falar da superior qualidade gráfica e do trabalho competente de distribuição e divulgação dos livros.

Bem. *O Castelo* é dividido em vários espaços. Em sua entrada, ou pórtico, dois textos — um sobre Mário de Andrade, o outro sobre Cruz e Sousa, poeta simbolista, negro, nascido na ilha do Desterro — chamam a atenção do leitor. Informações objetivas, clareza de análise, capacidade de ler e ver o que há de essencial numa obra literária. Com estas ferramentas, assim trabalha o crítico Salim Miguel. Nada de terminologias enganosamente complexas, nem a exibição de métodos importados (como o estruturalismo, por exemplo, que mistificou todos os cursos de Letras no Brasil, nas décadas de 60 e 70), para dizer como pesar ovos de moscas em balanças de teias de aranha. A leitura, para Salim Miguel, é sempre motivo de inda-

## Trecho

*Com seu estilo coloquial, seu folclore, sua descontinuidade no tratamento diferenciado dos mesmos temas, sua fantasia explosiva e delirante, sua mistura do mágico e do real, As Mil e uma Noites têm mantido, em todo tipo de ouvinte e/ou leitor, um fascínio inextinguível através dos séculos, superando modismos, costumes, escolas literárias, preconceitos. E nem é menor a influência que exerceu e continua a exercer em literaturas de todos os países e em todas as épocas.*

*(...) nas conversas com meus pais, em nossa casa de Biguaçu, era corrente o uso do árabe. Foi por intermédio deles que primeiro tomei conhecimento das histórias do livro, que haviam encantado a infância de ambos e agora me encantavam.*

*Um pouco mais tarde fui ler em português as aventuras de Simbad, o Marujo e a história de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa.*

Extraído de **O Castelo de Frankenstein**

gação existencial, ponto de partida para a reflexão crítica sobre o ato de viver e o ato de escrever — "que se fundem e confundem, indo e vindo da realidade da vida para a realidade da ficção". O que há nos outros espaços? Um panorama da literatura catarinense, uma lembrança de Graciliano Ramos, um exame da obra de Machado de Assis, um perfil de Drummond, o cotejo de três traduções de Joseph Conrad, literatura africana, Fernando Pessoa, um estudo sobre o cinema e sua mitologia induzida, o fascínio permanente de um livro árabe...

Um *Castelo*, sem a menor dúvida, para o prazer da leitura.

## *Castelo de Salim*

*O volume 2 de "O Castelo de Frankenstein", de Salim Miguel, já está à disposição dos leitores. O livro, publicado pela Editora da Universidade, reúne anotações sobre autores e livros, divulgadas por vários órgãos de imprensa de 1949 até o ano passado.*

*Trata-se do 11º título publicado por Miguel, entre nove volumes de ficção — contos e romances —, e dois de crítica literária.*

# LITERÁRIA

## Livros novos

### O Castelo de Frankenstein

"Castelo frankensteineano que se preze necessita conter de tudo um pouco, devidamente compartimentado. Há inclusive, espaço reservado aos mortos, pois nossa caminhada pela vida é entrecidada deles, cada qual levando um pedaço de nós" - explica o autor, Salim Miguel, a respeito desta sua obra, volume II, lançamento da editora da UFSC e da Luardelli, de Florianópolis. São textos sobre autores e livros, na mesma linha do volume I, lançado em 1986 e muito bem recebido pela crítica e por autores nacionais de destaque, assim como por estudantes e pelo público em geral.

Salim Miguel atua com bastante dinamismo em movimentos culturais, é jornalista, fez adaptações para o cinema, co-editou a revista Ficções (conto) de 76 a 79, e este é seu 11º livro, que comemora os 40 anos de sua estréia, em 1951, com Velhice e Outros Contos.

No volume II de **O CASTELO DE FRANKENSTEIN**, estão inseridos cerca de cinquenta trabalhos, que falam a respeito de aspectos literários de Santa Catarina (O Conto na Literatura Catarinense, Ficção e Poesia em SC, Literatura na Ilha: Breves Anotações, Uns Causos Saborosos e Pitorescos, etc.); abordam escritores brasileiros e suas obras (A Propósito de Mário de Andrade, Machado de Assis, o Mestre, Lembrança de Graciliano, R. Magalhães Jr., Da Importância de Ler/Reler Antônio Cândido e outros); focaliza também autores estrangeiros (Fernando Pessoa e sua Inesgotável Arca, A Propósito das Traduções de Conrad) e ainda reserva espaço para o tratamento e a opi-

nião a respeito de temas literários apaixonantes e polêmicos como Relação Autor/Editor, Coerência entre Vida e Obra, O Poder da Palavra, O Permanente Fascínio do Livro, da Arte de Saber Narrar etc.. Em 212 páginas.

Assim, trata-se de um grande painel de abordagens literárias que deverá cumprir a mesma trajetória de sucesso do volume anterior, sobre o qual vários intelectuais se manifestaram, como Carlos Menezes, definindo-o "valiosa fonte de pesquisa, principalmente para professores e estudantes de Letras".

#### PANORAMA

**A SUÍÇA LAVA MAIS BRANCO** Jean Ziegler



editora brasileira

\* **A SUÍÇA LAVA MAIS BRANCO** - "O enfant-terrible da esquerda suíça revela as práticas dos bancos de seu país", é o que escreve o Le Nouvel Observateur a respeito deste trabalho de Jean Ziegler, professor de Sociolo-

gia e deputado no Parlamento da Confederação Helvética, que a Brasileira lança entre nós com tradução de Eliane Tejera Lisboa. A movimentação dos lucros do mercado de drogas, a hipocrisia que cerca o segredo bancário, a evasão fiscal, armamentos, enfim, uma série enorme de aspectos encobertos são repassados, ou seja, "lavados" pelo mestre-deputado neste livro, escrito quatorze anos após outro livro-denúncia de grande repercussão, denominado Um Suíço Acima de Qualquer Suspeita. 160 páginas. Ziegler esteve na Bahia em 1960, em companhia de Roger Bastide.

\* **A PAPISA JOANA** - Registrando tratar-se da "primeira documentação completa sobre os fatos por trás da lenda", a Ibrasa lança este escrito de Rosemary e Darroll Pardoe, que tem como subtítulo, O Mistério da Mulher-Papa. Em 164 páginas, tradução de Aydano Arruda, com ilustrações. Começa com a descrição da mulher-pontífice (meados do séc. IX ou séc. XI) e acompanha o desenvolvimento subsequente de sua história até os dias de hoje. Examina o papel da papisa para os polemistas protestantes do séc. XVI em diante, assim como sua adoção pelas feministas do séc. XX. Discute ainda o tratamento dado à papisa na ficção e no drama, assim como a carta Papisa, do Tarô. Os autores, Rosemary e Darroll Pardoe, são respectivamente editora de revistas e livros e escritora, e Ph.S. em química (Birmingham), redator de revista científica e, atualmente, bibliotecário industrial.

\* **DIREITO, PODER E OPRESSÃO** - A Alfa-Omega re-

lança, em 3ª edição, este livro de Roberto A.R. de Aguiar, 49 anos, nascido em São Vicente, SP, professor da Unimep e Universidade de Brasília, da qual é também procurador. Aguiar é ainda advogado militante. Trata-se de seu primeiro livro e "nasceu a partir de sua vida como professor e advogado, tendo como objetivo a articulação de uma abordagem do direito respaldada nas correlações de força concretas, na oposição entre o direito posto e um antídireito emergente". Ele inicia com uma introdução, divide o trabalho em O Direito como Fenômeno Observável e O Direito como Fenômeno Valorativo, para encerrar com suas conclusões. 184 páginas.

\* **OSTEOPATIA, MANIPULAÇÃO E ESTRUTURA DO CORPO** - A osteopatia dá ênfase especial à mecânica do corpo, usando técnicas manipulativas para detectar e corrigir posturas em consequência de funções imperfeitas. Trata-se de uma técnica de grande desenvolvimento, sobretudo nos Estados Unidos, e é objeto deste livro de Leon Chaitow, fundador da Associação de Osteopatia Craniana, formado em Londres e doutor por instituições da Nova Zelândia, Austrália e França. O lançamento é da Summus Editorial, tradução de Denise Maria Bolanho, revisão técnica de Sílvia Kon. Entre outras colocações, Chaitow, utilizando conceitos da osteopatia, demonstra como o sistema de músculos, ossos e articulações - principalmente a coluna - podem ser reflexos de doenças mais sérias e também parcialmente responsável pelo início de processos patológicos. 112 páginas.

# A viagem modernista contra o marasmo cultural

*Salim Miguel relembra as aventuras do Grupo Sul, a turma que, mesmo com atraso, fez uma revolução*

O ano é 1950; a cidade, Rio de Janeiro. Em suas ruas, livrarias e cinemas circula um grupo de jovens intelectuais. Pelo jeito como andam e falam, pela expectativa que trazem no olhar, se adivinha o seu provincianismo e deslumbramento. Eles acabam de chegar da remota ilha de Santa Catarina e vêm em busca de alguns dos maiores nomes da literatura brasileira: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Aníbal Machado, o crítico Otto Maria Carpeaux. Esses mesmos moços estavam fazendo uma autêntica reviravolta na pasmeira cultural de Santa Catarina ao levar para lá — já com mais de 20 anos de atraso — o movimento modernista, através do Grupo Sul.

O escritor Salim Miguel era um desses rapazes e conta, no segundo volume de *O castelo de Frankenstein*, algumas das aventuras e descobertas daquela viagem. O livro, uma coletânea de artigos publicados na imprensa entre 1949 e 1987, traz textos curtos, que abrangem os mais diferentes temas e autores — desde aspectos exclusivos do fazer literário em Santa Catarina até o cotejamento das diferentes traduções de Joseph Conrad para o português, passando pelas recordações de encontros e conversas com escritores como Graciliano Ramos ou Carlos Drummond de Andrade.

Contista, romancista e crítico literário, Salim Miguel utiliza a memória como matéria-prima para a sua produção ficcional. Mestre no manejo de sua ferramenta, narra com graça mesmo aquilo que lhe ocorreu, sem tentar mascarar constrangimentos ou pequenos ridículos. Assim, ele conta como um dia, em meio àquelas andanças pelo Rio de Janeiro, ele e seus companheiros se depararam com Drummond dentro do mesmo elevador: “alto e magro,



quieto e tímido, ali estava ele. Virei-me para um amigo, cochichei, avancei até o poeta, tímido também eu, sussurei: ‘Carlos Drummond?’ Olhou-me, riu aquele riso que o marcava, retrucou ‘sim’, um sim interrogativo. E eu: ‘Foi bom encontrá-lo, ia mesmo procurá-lo’. Ele: ‘Quem é você?’ Salim Miguel se identifica e pede uma entrevista. Drummond é direto: “Não dou entrevista, você deve saber”. O jovem catarinense insiste, diz que não custa tentar e o poeta encerra a conversa: “Então tente”.

## TRECHO

*A conversa se espriava, mas só me recordo de Graciliano, do tom de sua voz, de seus gestos sóbrios, de suas frases incisivas. Também confesso com franqueza, estava mais interessado em ouvi-lo do que em falar. Pouco disse. E o que diria eu? Deixei que os demais puxassem a conversa, falava-se de livros e autores. De repente estávamos todos metidos numa discussão, Jorge Medauar, extrovertido, se exaltava, gesticulando, enquanto Graciliano, calmamente, ia repetindo: “Mas meu caro, nunca pensei, como você é errado, aquele livro é uma grande porcaria, tem que ser!” E o Jorge: — “Você já leu, você já leu, precisa ler, é diferente dos outros...” E voltava Graciliano com paciência: — “Mas sim, já conheço os livros dele, esta história de livro que sempre desejei mas temi escrever é besteira da grossa!” Medauar, sem se convencer, insistia.*

*De repente, em meio à conversa, Graciliano virou-se para mim, perguntou:*

A entrevista acabou sendo publicada, embora, como admite Miguel, tenha ficado muito ruim. O encontro no elevador marcou o início de uma convivência que duraria até a morte de Drummond. Nos artigos que possuem esse cunho mais memorialístico, o autor oferece emoções vividas por ele, jovem e inseguro, diante de alguns de seus mestres; ou então, mais tarde, já dono de seu ofício, aquelas alegrias compartilhadas com grandes escritores que se tornaram seus amigos. Em todos esses textos, uma grande nostalgia, que consegue sensibilizar mesmo o leitor mais distraído. É que a maioria deles foi escrita logo após a morte de algum de seus companheiros, como o próprio Drummond, o pesquisador Raimundo Magalhães Jr., o cineasta Ody Fraga e mesmo o governador catarinense Jorge Lacerda que, como jornalista, foi incentivador

— E você, que faz?

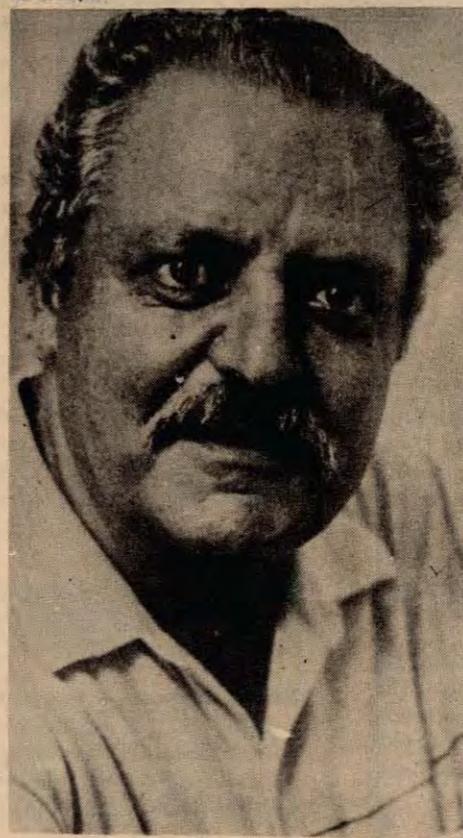
Titubeei, gaguejei, a custo respondi:

— Uns... uns... pro... projetos de contos...

— Besteira — exclamou — besteira isto de uns projetos de contos. Ou faz ou não faz. Nada de projetos. Meta a cara, faça, faça, trabalhe muito...

Não me lembro quem, me parece que Eglê ou Pedro, passou-lhe uma Sul onde estava um conto meu. Primeiro folheou toda a revista, com paciência, com interesse, depois, num canto, se pôs a ler meu trabalho. Eu observando, tremendo. Leu um trecho, parou, voltou atrás, leu mais um pedaço, tornou a parar, fechou a revista, com uma cara que me intimidou, que não consegui decifrar, veio de novo para o grupo, guardou a revista. Felizmente ninguém perguntou nada e eu fingi que não tinha visto. Só no fim, quando nos despedíamos e eu imaginara já se ter ele esquecido, me disse que iria ler com calma e que depois, quando voltássemos ali, me falaria. Não voltamos.

REPRODUÇÃO



**O colega de Graciliano e Drummond usa a memória para produzir ficção**

do Grupo Sul.

Mas *O castelo de Frankenstein* não é feito só de memórias, embora elas formem talvez sua parte mais saborosa. A maioria dos artigos é de crítica, como diz seu subtítulo: *Anotações sobre autores e livros*. Um dos destaques é um ensaio de 1949 sobre Mário de Andrade. Mais do que um artigo jornalístico, o texto é um documento do movimento Modernista em Santa Catarina, expressando anseios e preocupações de todo o grupo: “Os novos

de hoje nada têm a ver com os novos de 1922. E foi esta uma lição que nos legaram Mário de Andrade e seus companheiros. Estamos certos de que não gostaríamos que nos subordinássemos a eles, pois que aí voltaríamos ao antigo e inócuo círculo viciado. Reconhecemos o que eles fizeram de bom, as contribuições trazidas; compreendemos os exageros do momento, não poderíamos compreendê-los agora, já que as condições psicológicas são outras e exigem outra atitude, inteiramente outra e consentânea com o momento”.

Alguns artigos enfocam um escritor em seu todo, como Cruz e Sousa, Machado de Assis e Fernando Pessoa; outros, uma obra em específico, como *Suomi*, de Paulo de Carvalho-Neto, ou *O amor nos tempos do cólera*, de García Márquez. Há ainda uma entrevista com Jorge Amado e um elegante artigo sobre Othon Gama D’Eça, adversário intelectual dos modernistas catarinenses. Outro ensaio analisa a relação entre autor e editor, que Miguel conhece mais do que ninguém (atualmente é diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina).

Autor de romances densos e instigantes como *A voz submersa* (Global, 1984) e *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta* (Thê, 1987), Salim Miguel publicou seu último livro de ficção em 1988 — os contos de *As areias do tempo* (Global). Em toda a sua obra, um infinito rastrear pela memória e pelo tempo. Suas personagens vão e voltam, transitam por seus escritos, aparecendo ora como protagonistas de um conto, ora como figurantes num romance. Salim Miguel é um autor que sabe aproveitar todas as possibilidades tradicionais da narrativa, mas que não deixa nunca de experimentar o novo.

■ **Regina Dalcastagnè**  
Especial para o CORREIO

*O castelo de Frankenstein*, volume 2 - Salim Miguel. Editora da UFSC/ Lunardelli, Florianópolis, 1990, 211 páginas

## LIVROS NOVOS

Adir Gigliotti

### O CASTELO DE FRANKENSTEIN

"Castelo frankensteineano que se preze necessita conter de tudo um pouco, devidamente compartimentado. Há, inclusive, espaço reservado aos mortos, pois nossa caminhada pela vida é entretecida deles, cada qual levando um pedaço de nós". — explica o autor, Salim Miguel, a respeito desta sua obra, volume II, lançamento da editora da UFSC e da Lunardelli, de Florianópolis. São textos sobre autores e livros, na mesma linha do volume I, lançado em 1986 e muito bem recebido pela crítica e por autores nacionais de destaque, assim como por estudantes e pelo público em geral.

Salim Miguel atua com bastante dinamismo em movimentos culturais, é jornalista, fez adaptações para o cinema, co-editou a revista Ficções (contos) de 76 a 79, e este é seu 11.º livro, que comemora os 40 anos de sua estréia, em 1951, com Velhice e Outros Contos.

No volume II de o O CASTELO DE FRANKENSTEIN estão inseridos cerca de cinquenta trabalhos, que falam a respeito de aspectos literários de Santa Catarina (O Conto na Literatura Catarinense, Ficção e Poesia em SC, Literatura na Ilha: Breves Anotações, Uns Casos Saborosos e Pitorescos etc.); abordam escritores brasileiros e suas obras (A Propósito de Mário de Andrade, Machado de Assis, o Mestre, Lembrança de Graciliano, R. Magalhães Jr., Da Importância de Ler/Releer Antônio Cândido e outros); focaliza também autores estrangeiros (Fernando Pessoa e sua Inesgotável Arca, A Propósito das Traduções de Conrad) e ainda reserva espaço para o tratamento e a opinião a respeito de temas literários apaixonantes e polêmicos como Relação Autor/Editor, Coerência entre Vida e Obra, O Poder da Palavra, O Permanente Fascínio do Livro, da Arte de Saber Narrar etc.. Em 212 páginas.

Assim, trata-se de um grande painel de abordagens literárias que deverá cumprir a mesma trajetória de sucesso do volume anterior, sobre o qual vários intelectuais se manifestaram com Carlos Menezes, definindo-o "valiosa fonte de pesquisa, principalmente para professores e estudantes de Letras".

## LITERATURA DO CONTINENTE

CECÍLIA ZOKNER

### Hispano-América n'o castelo de Frankenstein

Salim Miguel o chama de "Estranho castelo". Um castelo todo constituído de palavras que se originam de outras. As que, por sua vez, constituem as obras que merecem suas anotações.

"Anotações sobre autores e livros" é o sub-título de *O castelo de Frankenstein* que a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina publicou em 1980. Formado por quatro capítulos — Santa Catarina, Brasil, Hispano-América, Outros — tem sempre o interesse pelos contemporâneos.

O capítulo terceiro, Hispano-América, se compõe de dezoito artigos. Um deles, comenta o prêmio Nobel atribuído a Gabriel Garcia Márquez, outro, à morte de Cortázar. Os demais, tratam de obras latino-americanas publicadas no Brasil pelas Editoras Difel, Civilização Brasileira, Global, Alfa-Ômega, Nova Fronteira, Paz e Terra e Francisco Alves.

São obras que, na maioria das vezes, razões diferentes explicam a qualidade. Também, quase sempre, são oferecidas ao leitor brasileiro sem algumas das referências necessárias — que certas escolas críticas o perdoem — para que a compreensão do texto ou o prazer da leitura possam ser mais completos e profundos.

Situando-as no seu contexto geográfico e literário — Argentina, Cuba, Chile, México, Peru —, mensurando-lhes as qualidades, os textos de Salim Miguel adquirem, então, essa importância que somente um arauto pode ter. Sobretudo, numa sociedade que, salvo as sempre honrosas exceções, precisa ser guiada no seu renovado consumismo que inclui, também, o livresco.

A sensibilidade com que se aproxima do texto, as informações que oferece sobre o autor e sua vida literária se acrescenta a preocupação de contribuir para a qualidade das traduções com observações necessárias e pertinentes.

Uma excelente contribuição que Salim Miguel, pelos labirintos de seu castelo onde se cruzam Angel Rama, Cabero Infante, Jorge Icaza, José Maria Arguedas, Ricardo Güiraldes, entre outros, oferece para o conhecimento de uma Literatura, muitas vezes inigualável, que é produzida no Continente e, ainda assim, continua ignorada pela grande parte dos leitores no Brasil. Pois também ele, inserido na geografia do Sul do Rio Bravo, teima em permanecer atrelado aos gostos de leitura de outros centros considerados por uma certa elite como civilizados.

## AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁSIO

Mais um livro importante, lançado no final do ano passado, vai passando em branca nuvem. Refiro-me ao segundo volume de «O Castelo de Frankenstein», de autoria de Salim Miguel (UFSC/Lunardelli — Florianópolis — 1990), onde o conhecido crítico e ficcionista reúne uma variada seleção de suas análises literárias, gênero a que ele vem se dedicando sem cansaço há longos anos. Com este livro, Salim Miguel está comemorando seu 40º. ano de atividade literária, iniciada em 1951, com o lançamento de «Velhice e Outros Contos». E convenhamos que uma dedicação de quatro décadas à literatura, com tão rarefeitas recompensas, mais que merece uma comemoração. Merece também o nosso aplauso e o nosso reconhecimento a quem tanto tem dado de si às nossas letras e à nossa cultura. Este é o 11º. livro de Salim Miguel, dos quais 9 são de ficção — contos e romances — e dois de ensaios críticos.

O livro se abre com um conjunto de seis excelentes artigos a propósito de Mário de Andrade, nos quais o autor esmiúça importantes aspectos da obra, do pensamento e das lições do «Papa do Modernismo», entre elas a polêmica e sempre lembrada afirmação de que «o destino do artista erudito não é fazer arte pro Povo, mas pra melhorar a Vida» (pág. 19). Sua intenção, nesses artigos, não é assumir a defesa de Mário, coisa de que ele não necessita, mas «tão-somente expor certos pontos de vista» e «esclarecer alguma coisa de obscuro», além de mostrar novamente a importância do Movimento Modernista e da «Semana de Arte Moderna». E nesse propósito Salim foi perfeito, seus artigos são uma contribuição apreciável aos estudos sobre o autor de «Macunaíma.»

Outra presença forte no livro é Cruz e Sousa, revelando-se num dos mais longos ensaios a justa admiração do crítico pelo «pretinho da antiga Desterro» (pág. 31). «Muito embora fosse relegado e diminuído em sua época e seu meio, — escreve o autor — elevou-se com força, com ímpeto, vencendo todos os contratempos e preconceitos. Hoje é um dos mais altos expoentes da poesia brasileira e o mais importante vulto da corrente simbolista. Roger Bastide vai além: considera-o um dos três grandes do simbolismo universal, dizendo estar assim constituída a grande tríade harmoniosa: Mallarmé, Stefan George e Cruz e Sousa» (pág. 31).

Muitos outros estão presentes, catarinenses, brasileiros e estrangeiros, todos expostos ao leitor com visão aguda e penetrante, realçando o bom, acentuando o ruim, estimulando sempre. Assim é que por essas páginas desfilam Jorge Lacerda, Gama D'ça, o Professor Fontes, Almiro Caldeira, Laury Maciel, Flávio de Aquino, Ody Fraga, Marcos Konder Reis, Graciliano Ramos, Machado de Assis, João Felício dos Santos, R. Magalhães Jr., Jorge Amado, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Antonio Candido, Joseph Conrad, Fernando Pessoa, o poeta português A. Vicente Campinas, de nossa mútua amizade, muitos e muitos outros. Enfo-

ques sobre a poesia, o conto, o romance a literatura em nosso Estado, o cinema, alguns artistas plásticos, o livro e seus problemas, teatro, viagens e mil outros temas, indicações e sugestões que fazem deste um livro rico e ilustrativo. Não poderiam faltar as referências ao Círculo de Arte Moderna e ao Grupo Sul, que deflagraram o modernismo em Santa Catarina e dos quais foi o autor ativo participante de um dos seus expoentes.

Mais um ponto merece ser lembrado: a inibição provocada por «Os Sertões», de Euclides da Cunha, no surgimento de um grande romance sobre nosso Contestado, ou mesmo outras obras de ficção a respeito de Canudos. Quando escrevi sobre «A Guerra do Fim do Mundo», de Vargas Llosa, abordei esse aspecto, sem saber que Salim Miguel, muitos anos antes, já o fizera. Concordo inteiramente quando ele diz: «Há temas que metem medo. Canudos é um deles. E Antônio Conselheiro. Ou qualquer coisa que tenha relação com Canudos. Mesmo aqui no Estado de Santa Catarina, onde temos o Contestado, com o Monge João Maria. Mesmo aqui, quando se pensa em escrever a respeito, uma obra logo surge, domina, limita: «Os Sertões», de Euclides da Cunha. O poder da obra, sua força, aquela linguagem plástica, a maneira como foi tratado o assunto, misto de romance e documento, faz com que os que se aventuram por vezes se despersonalizem em função da obra de Euclides da Cunha» (pág. 99). Dizê-lo melhor, impossível.

Concluindo, «O Castelo de Frankenstein» revela um crítico sensível e competente, que escreve com clareza e simplicidade, cobrindo um período longo e frutífero das letras, com realce para as nossas aqui da terra. É de justiça lê-lo e divulgá-lo.

# Pau Brasil

Publicação Bimestral sobre Ecologia e Cultura - Nº 13 - Ano III - Jul/Ago/86

Pau Brasil

editora de didáticos onde se aboliu a maldita ficha de leitura, expediente ridículo que normalmente só serve para passar um atestado de incompetência de quem as prepara e de comodismo de quem as usa.

O Castelo de FrankenStein, de Salim Miguel, UFSC - Lunardelli, Florianópolis, 1986.

Talvez a obra deste ficcionista catarinense ainda não tenha recebido a divulgação à altura da sua importância. Exatamente por isso, é oportuno o lançamento dessa reunião dos seus artigos literários — resenhas, críticas etc. — de 1976 até hoje. A qualidade de suas análises de autores catarinenses, do restante do Brasil e de outros países latino-americanos serve para lembrar que escritor é quem sabe ler e que a criação literária é um diálogo com a obra de algum outro autor. Sua condição de escritor dá a Salim Miguel o pleno direito de

ser impressionista e informal nesses artigos e resenhas. Isso nada tem a ver com superficialidade, e contrasta agradavelmente com o formalismo cientificista e a falsa objetividade tão em voga e já não mais circunscritos apenas a ambientes acadêmicos.

Também têm chegado à revista Pau Brasil diversas outras publicações literárias, em sua maioria edições de autor e uma ou outra de editoras atuantes no mercado. Dentre elas, merece destaque *Palavras e Silêncios* de Latuf Mucci (ed. Folha de Viçosa, MG), com poemas despojados, simples, mas com belos momentos líricos, mostrando que seu autor tem, entre outras qualidades, o poder da síntese. E os livros do inquieto e atuante Joaquim Mattar, *Fome e Seca na Terra do Sol* e *Ouçã Multidão*, poemas de temática social, bem como a profissão de fé de Alice Faria, *Meu Pão de Cada Dia — a poesia* (massao Ohono editor, SP), um tanto discursiva mas válida pelo entusiasmo transparente no título.

